

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA DUPLA

LUCAS ZAMBRANO ROLLSING

**A BANALIZAÇÃO DE CONCEITOS ORIUNDOS DA TERMINOLOGIA  
VISTA COMO UM RECURSO DE APRENDIZAGEM**

Porto Alegre, RS

2014

LUCAS ZAMBRANO ROLLSING

**A BANALIZAÇÃO DE CONCEITOS ORIUNDOS DA TERMINOLOGIA  
VISTA COMO UM RECURSO DE APRENDIZAGEM**

Monografia de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Heloísa Orsi Koch Delgado

Porto Alegre, RS

2014

LUCAS ZAMBRANO ROLLSING

**A BANALIZAÇÃO DE CONCEITOS ORIUNDOS DA TERMINOLOGIA  
VISTA COMO UM RECURSO DE APRENDIZAGEM**

Monografia de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Aprovada em 02 de dezembro de 2014

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Heloísa Orsi Koch Delgado

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristina Becker Lopes Perna

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Karina Veronica Molsing

Porto Alegre, RS

2014

A todos aqueles que, através de suas palavras e atos, instigaram-me a ser uma pessoa melhor.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, acima de tudo e de todos, a Deus, por me abençoar com a possibilidade de cursar o ensino superior, e pela proteção diária no meu retorno para casa.

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul pela bolsa de estudos integral, concedida através do programa Prouni do Ministério da Educação.

Agradeço a minha orientadora e guia, Dra. Heloísa Orsi Koch Delgado, pela sua paciência, dedicação e carinho sempre presentes, fosse em nossos encontros de orientação, fosse nas aulas. Também por acreditar em mim e lapidar o que havia sido proposto desde o primeiro encontro.

Com carinho especial, deixo minha gratidão a dois grandes mestres que estiveram comigo nessa jornada acadêmica, Dr. Nelson Schneider Todt e Dra. Cristina Perna, pelos seus valiosos ensinamentos e indelévels personalidades.

À banca examinadora, Dra. Karina Molsing e Dra. Cristina Perna, deixo meu agradecimento por aceitarem o convite para avaliarem o meu trabalho e, indubitavelmente, pelas sementes plantadas em prol da minha formação profissional ao longo da minha experiência como bolsista de iniciação científica.

Agradeço a todos os professores da Faculdade de Letras, pela maestria com que me conduziram a uma nova dimensão do conhecimento e por servirem de exemplos de profissionalismo e competência. Através das suas falas pude me libertar de preconceitos, primar pela excelência na educação e acreditar que com dedicação, estudo e amor construímos uma nova realidade.

Agradeço às amigas, Patrícia Gabriela Nayró e Valéria Souza por momentos indescritíveis de riso, lamentação, assim como, pelos valiosos momentos juntos.

Por fim, não menos importantes, agradeço a minha mãe, Fabiana, ao meu padrasto, Luciano, e ao meu irmão, Filipe, por me permitirem, sempre que eu necessitava, falar sobre a importância sumária da língua, por mais desinteressante que a eles fosse. Obrigado por entenderem que os meus objetivos eram parte da minha busca como ser-humano. E, principalmente, por todo o amor, sem o qual, eu nada seria.

Enfim, minha gratidão a todos que me acompanharam nessa jornada que se aproxima de seu desfecho e que, de alguma forma, acreditaram em mim.

Aprender uma língua é aprender um modo de “pensar o mundo”. O mesmo acontece com as metalinguagens técnico-científicas, seus recortes, seus sistemas de valores e designações que lhes correspondem. Assim, a metalinguagem técnico-científica de qualquer área do saber e/ou de suas aplicações constrói a sua ‘visão do mundo’ específica, de tal forma que só é possível aprender uma ciência, quando se adquire a competência semiótico-linguística do seu universo de discurso. (BARBOSA E PAIS, 2004)

## RESUMO

Este trabalho visa apresentar o desenvolvimento de um fichário, em língua portuguesa, sobre a área da Terminologia, para consulta por alunos de Letras iniciantes nos estudos terminológicos, tendo em vista a complexidade desse discurso especializado. A partir do distanciamento ocasionado por níveis de linguagem diferentes, ou seja, o discurso meta-científico da área e o aluno leigo/semileigo, pretende-se desterminologizar conceitos-chave da Terminologia através de fichas terminológicas (instrumentos essenciais na organização de qualquer produto terminográfico), vistas como um texto banalizado, no intuito de serem usadas como recursos de aprendizagem. O conceito de banalização terminológica, bem como a abordagem funcional da Terminologia serviram de base para a construção das fichas. A metodologia da Linguística de Corpus sustentou a prossecução do trabalho, no que concerne ao processamento dos dados linguísticos. Via *WordSmith Tools* (*software* utilizado mundialmente por estudantes, professores e pesquisadores interessados em linguagem, nas mais diversas áreas), extraímos do nosso cópulo de estudo os dez termos mais relevantes da Terminologia para serem descritos nas fichas. A partir da descrição do termo, criamos um texto ponte entre aqueles diferentes níveis de especialização. As fichas e as informações nelas contidas, também foram organizadas em forma de verbete a fim de elucidar como seriam apresentados esses conceitos em uma possível obra de consulta sobre Terminologia.

**Palavras-chave:** Terminologia. Banalização terminológica. Fichas terminológicas. Linguística de Corpus.

## **ABSTRACT**

This research aims to describe the process of designing terminological sheets in Portuguese about Terminology, considering the complexity of this discourse for students of Letters who are not familiar with this field of study. The process of organizing highly specialized terms in terminological sheets (essential components for the setting up of dictionaries and the like) helped us to apply the concept of terminological banalization to narrow the gap between the specialist's discourse and the student's discourse. This paper was based on the theoretical assumptions of the Communicative Theory of Terminology, the Corpus Linguistics approach and the pedagogical process of terminological banalization, which provide us with resourceful foundations to support our research goals and to apply the adequate treatment for our corpus data. As for corpus methodology, we used the WordSmith Tools software, from which we extracted the 10 most relevant terms of our specialized corpus built to sustain the analyses. These terms made part of the Terminology repertoire in an attempt to describe them in a more simplified manner so as to establish a link to narrow the gap between the complex definitions inexistent or limited provided in the literature and the student's knowledge. Some information from the sheets were chosen and placed as an entry of a terminographic product, as if it were a true source of consulting, for example, a specialized dictionary, by a student who would need more understanding of a complex concept from Terminology.

**Key-words:** Terminology. Terminological banalisation. Terminological sheets. Corpus Linguistics.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Exemplo de Ficha de trabalho.....	28
Figura 02 – Exemplo de Ficha de síntese.....	28
Figura 03 – Exemplo de Ficha de remissiva.....	29
Figura 04 – Exemplo da ficha terminológica elaborada e seu respectivo verbete	31
Figura 05 – Tela inicial do WordSmith Tools.....	42
Tabela 01 – Lista final das 10 palavras-chave selecionadas.....	44
Figura 06 – Tela de resultados do Concord.....	45
Quadro 01 – Ficha terminológica 01 e respectivo verbete.....	48
Quadro 02 – Ficha terminológica 02 e respectivo verbete.....	49
Quadro 03 – Ficha terminológica 03 e respectivo verbete.....	50
Quadro 04 – Ficha terminológica 04 e respectivo verbete.....	51
Quadro 05 – Ficha terminológica 05 e respectivo verbete.....	52
Quadro 06 – Ficha terminológica 06 e respectivo verbete.....	53
Quadro 07 – Ficha terminológica 07 e respectivo verbete.....	54
Quadro 08 – Ficha terminológica 08 e respectivo verbete.....	55
Quadro 09 – Ficha terminológica 09 e respectivo verbete.....	56
Quadro 10 – Ficha terminológica 10 e respectivo verbete.....	57

## **LISTA DE SIGLAS**

CITRAT – Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

IES – Instituição de Ensino Superior

LC – Linguística de Corpus

LUME – Repositório Digital (UFRGS)

PDF – Portable Document Format

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

TCT – Teoria Comunicativa da Terminologia

TERMCORP – Córpus da Terminologia

TERMISUL – Projeto Terminológico Cone Sul (UFRGS)

TGT – Teoria Geral da Terminologia

TXT – Text File

WST – WordSmith Tools

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 TERMINOLOGIA E SUAS (INTER)FACES</b> .....	18
2.1 BREVE CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA.....	18
2.2 O DISCURSO METALINGUÍSTICO DAS ÁREAS DE ESPECIALIDADE .....	21
<b>3 CONCEITO GERAL DE FICHA TERMINOLÓGICA</b> .....	26
3.1 A FICHA TERMINOLÓGICA VISTA SOB VÁRIOS ÂNGULOS .....	27
3.1.1 A Definição na Microestrutura .....	31
<b>4 LINGUÍSTICA DE CORPUS: DEFINIÇÃO E TIPO (DE CORPUS) NESTA PESQUISA</b> .....	34
<b>5 METODOLOGIA</b> .....	39
5.1 ETAPA I - ELABORAÇÃO DO CORPUS DE ESTUDO .....	42
5.1.2 Critérios para Extração dos Termos.....	42
5.2 ETAPA II – EDIÇÃO DAS FICHAS TERMINOLÓGICAS E CRIAÇÃO DOS VERBETES .....	45
<b>6 FICHAS TERMINOLÓGICAS E SEUS VERBETES</b> .....	48
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	58
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	61
<b>APÊNDICE A</b> – Lista das cem palavras-chave em ordem decrescente de chavicidade. ....	63

## 1 INTRODUÇÃO

O curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul é uma das mais antigas faculdades da instituição, alcançando tradição linguística e literária que se prolonga até os dias de hoje<sup>1</sup>. Por mais de uma vez, o curso recebeu a nota máxima do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade)<sup>2</sup>. A graduação, bem como a pós-graduação em Letras, é reconhecida pelo seu currículo, estabelecido de acordo com a missão da instituição, que visa à formação de profissionais calcados na pesquisa científica e com atuação diversificada no mercado de trabalho.

No que se refere aos conteúdos linguísticos da graduação, os alunos têm contato com uma vasta gama de conceitos e metodologias, desde a área de línguas às respectivas literaturas. Naturalmente, há professores especializados nesses diferentes ramos do conhecimento, os quais são habilitados para lecionarem as respectivas disciplinas de sua especialização.

Entretanto, vale mencionar que certas áreas de estudo são mais consagradas em detrimento de outras por terem mais tradição de pesquisa. Alguns campos de estudo, ou por serem recentes, ou ainda por questões culturais, não possuem a visibilidade que outros detêm. Focando na Linguística, podemos afirmar que:

É bem verdade que a atuação no plano das chamadas áreas humanas do conhecimento, nas quais nos inscrevemos, não são facilmente visíveis pelo cidadão e tendem a ser menos valorizadas. Em nossa situação particular, a “invisibilidade” é comum, sobretudo porque a “palavra” é um bem coletivo, natural ao homem. Consequentemente, o profissional que com ela “lida” não recebe a devida valorização. (KRIEGER, 2010, p.163)

Embora ainda exista, na sociedade do conhecimento, a “invisibilidade” comentada por Krieger, é sabido que não há desenvolvimento científico e, de certo modo, em qualquer esfera da atividade humana, se não for através da linguagem.

---

<sup>1</sup> Em 1940, foi fundada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, seguida pela escola de Serviço Social, no ano de 1945, e pela Faculdade de Direito, em 1947. Com as quatro faculdades, a União Sul Brasileira de Educação e Ensino (USBEE), entidade civil dos Irmãos Maristas, requereu ao Ministério da Educação a equiparação de universidade. Fonte: <http://www.pucrs.br/portal/?p=institucional/a-universidade/historia-da-universidade>. Acesso em: 28 mar. 2014.

<sup>2</sup> O Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), que integra o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), tem o objetivo de aferir o rendimento dos alunos dos cursos de graduação em relação aos conteúdos programáticos, suas habilidades e competências. Fonte: <http://portal.inep.gov.br/enade>. Acesso em: 23 mar. 2014.

As ciências, em geral, têm alcançado patamares de desenvolvimento elevados em espaços de tempo cada vez mais curtos. Como reflexo disso, suas metalinguagens se alastram e acabam por adentrar diversos níveis das sociedades industriais. Jamais se teve tanta acessibilidade à informação como nos dias de hoje. O campo da Terminologia, que fundamenta este trabalho, é um exemplo resultante do crescimento da pesquisa nas áreas humanas do conhecimento. Contudo, os estudos terminológicos em nível de graduação são ainda limitados no Brasil, ainda mais em termos de desenvolvimento da pesquisa informatizada do português (SARDINHA, 2005)<sup>3</sup>, uma das razões para este trabalho ser escrito em língua vernácula; por extensão, há poucas áreas de estudo no Brasil focadas nessa linha linguística. As pesquisadoras Krieger e Finatto (2004, p.7) falam sobre o objetivo do livro *Introdução à Terminologia*, de sua autoria, o qual corrobora o exposto acima, e almeja:

[...] contribuir para diminuir a lacuna de produção bibliográfica sobre Terminologia em língua portuguesa. Tal lacuna está, em muito, relacionada ao fato de que este é um campo de estudos considerado ainda novo não apenas em nosso meio, mas em todo o panorama internacional.

O objetivo desse livro, então, na época em que foi lançado, era o de estimular a produção bibliográfica sobre Terminologia e sua face aplicada, a Terminografia. Porém, essa lacuna visualizada pelas pesquisadoras há dez anos atrás ainda pode ser percebida, ainda que com menos intensidade, nos dias de hoje. Esta realidade aponta para uma diversidade teórico-aplicada entre especialistas e pesquisadores nas áreas de Linguística, Linguística Aplicada, Terminologia, Terminografia e áreas afins. No entanto, sabemos que a Terminologia:

[...] e as contribuições da área podem se multiplicar, sem deixar de assumir contornos específicos. Vale dizer, a sociedade atual, tecnológica, globalizada e de economia de mercado necessita, cada vez mais, de organização e divulgação das terminologias que a afetam. E isso abarca o universo social, científico, administrativo, empresarial entre outras dimensões da contemporaneidade que necessita e pode se beneficiar da produção de léxicos, glossários, bancos terminológicos. (KRIEGER, 2010, p.172)

Além dessa perspectiva de contribuir para o desenvolvimento dos estudos lexicais, em geral, a prática se faz pertinente nas sociedades modernas. Ao refletirmos sobre as pesquisas realizadas atualmente em algumas Instituições de

---

<sup>3</sup> Embora tenha havido um crescimento no número de pesquisas em Linguística de Corpus sobre o português brasileiro, esta afirmação ainda é considerada válida, conforme atestado em leituras complementares recentes.

Ensino Superior (IES) no país, encontramos algumas limitações quanto à natureza pedagógica no ensino da Terminologia a alunos de Letras. É constatada uma carência de obras basilares para alunos de graduação e até mesmo para alunos de pós-graduação. DELGADO (2013)<sup>4</sup> confirma a escassez de referências bibliográficas de base didática para alunos leigos na área (Informação verbal). Conforme Barbosa (2004, p.311) afirma:

No mundo contemporâneo, o exame das práticas semiolinguísticas dos enunciadores e dos enunciatários do discurso pedagógico tem permitido observar claramente que a questão do ensino do léxico não é considerada importante, é, até mesmo, frequentemente esquecida ou desconhecida, [...], de que resulta qualitativamente e quantitativamente, um baixo rendimento [...].

Logo, algumas vezes, a complexidade terminológica das línguas de especialidade empregada em conceitos e classificações provoca estranhamento e dificuldades de entendimento aos estudantes. Nota-se, portanto, que há necessidade pedagógica de se adequar a linguagem de um determinado campo científico, neste caso, o da Terminologia, a um leitor específico, qual seja, o aluno iniciante nessa área. Não se trata de reduzir uma teoria e/ou linguagem a uma simplificação meramente facilitadora, mas sim, de proporcionar ao aluno uma experiência mais produtiva ao ingressar nesse ramo do conhecimento e diminuir a lacuna existente entre o mundo discursivo do docente e do discente.

Desde a década de 90, quando os estudos em Terminologia começaram a se consolidar no Brasil, especialmente na Universidade de São Paulo (USP), muitas pesquisas já foram feitas. Os trabalhos de Maria Aparecida Barbosa e Ieda Maria Alves muito contribuíram para desenvolver os estudos terminológicos no país. No entanto, a transdisciplinaridade característica da área a torna aplicável em inúmeros campos de pesquisa, o que nos impele a continuar estudando-a.

Na USP, o CITRAT (Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia) trabalha com a interface terminologia e tradução desde 1992. Aliado ao CITRAT, temos o Projeto TERMISUL, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cuja produção científica é profícua não somente em teses e dissertações, como também em glossários e dicionários especializados bilíngues.

---

<sup>4</sup> Aula proferida na disciplina de Introdução à Terminologia, no curso de Letras da PUCRS, em setembro de 2013.

Desde então, “multiplicaram-se as universidades que hoje fazem terminologia em nível de mestrado e/ou doutorado”. (KRIEGER; BEVILACQUA, 2005, p.5). Assim, temos a Universidade de Brasília, a Universidade de São Paulo, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Universidade Federal de Pernambuco, a Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), em seus campi de Araraquara e São José do Rio Preto, a Universidade Federal do Ceará (UFCE), a Universidade Federal de São Carlos, e a Universidade Federal de Uberlândia em Minas Gerais, todas desenvolvendo estudos em Terminologia.

Conforme levantamento de Krieger e Bevilacqua (2005), muitos centros de estudo se consolidaram sob a coordenação de autores renomados da área. Temos o grupo *Tradução, Lexicologia e Processamento da Linguagem*, coordenado por Antônio Luciano Pontes (Universidade Estadual do Ceará), o *Grupo de Estudos Terminológicos*, coordenado por Leonilde Favoreto de Mello (Universidade Estadual de Londrina), o grupo *Tradução, Linguística Computacional, Estudos do Léxico e dos Dicionários*, coordenado por Lídia Almeida Barros (Universidade Estadual de São Paulo (UNESP)), o grupo *Léxico e Terminologia*, coordenado por Enilde Leite de Jesus Faulstich (Universidade de Brasília - UnB), o grupo *Léxico-Gramática e Terminologia*, coordenado por Oto Araújo Vale (Universidade Federal de Goiás - UFG), o grupo *TERMISUL*, coordenado recentemente por Cleci Bevilacqua<sup>5</sup> (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS), e o grupo *Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia*, coordenado por Maria Aparecida Barbosa (Universidade de São Paulo).

Embora tenha havido considerável crescimento nessa área a partir dos centros supracitados, a abordagem pedagógica do assunto ainda está um pouco aquém do que se desejaria, por isso Barbosa almeja:

Um modelo que se sustenta em dois parâmetros: o da necessidade de ser observada, no processo ensino/aprendizagem do léxico, a co-ocorrência das variedades de normas linguísticas diversas, convergentes e conflitantes no mesmo sujeito falante-ouvinte; o da imprescindibilidade de tornar-se como ponto de partida e de referência o universo linguístico e sociocultural do aluno. (BARBOSA, 2004, p.313)

---

<sup>5</sup> TERMISUL é o grupo responsável pelo Projeto Terminológico Cone Sul, originado no Instituto de Letras em 1991 sob a liderança de Maria da Graça Krieger. Conta com a participação de professoras do Departamento de Línguas Modernas e do Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária. [...] O grupo empenhou-se pelo desenvolvimento dos estudos terminológicos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pela introdução da Terminologia, como disciplina obrigatória no currículo do Curso de Bacharelado, Habilitação Tradutor, do Instituto de Letras. Adaptado de: <http://www.ufrgs.br/termisul/index.php>. Acesso em: 13 out. 2014.

A autora analisa a questão das equivalências entre termos técnico-científicos e vocábulos banais/vulgares/populares, no que se refere à aquisição e desenvolvimento da competência e do desempenho lexicais, relativos ao vocabulário de um universo de discurso específico. É no enfoque da banalização terminológica, que este trabalho está embasado, ainda que incipiente e limitado, pois visa a uma aproximação entre dois níveis diferentes de proficiência, de um lado a linguagem de especialidade do professor, e de outro lado, e linguagem leiga do aluno.

Nossa crença, portanto, se calca no princípio de que conceitos técnico-científicos em linguagem banalizada focados para a pesquisa e o ensino do campo linguístico da Terminologia a alunos de graduação em Letras os auxiliará para uma melhor compreensão desse discurso especializado.

A presente pesquisa teve como motivador principal conhecer se existem materiais didático-pedagógicos sobre estudos terminológicos (*sites* especializados, manuais, dicionários) disponíveis para alunos de Letras. Caso positivo, de que forma esses materiais apresentam o seu discurso, e, de que forma o que propomos se aproxima (ou se distancia) dos materiais didáticos analisados?

Tendo esses questionamentos como guia, nosso objetivo é banalizar (ver seção 2.2 sobre o tópico) o texto conceitual técnico-científico como um recurso de aprendizagem, replicando metodologias de tratamento de termos consagradas na literatura, por meio da metodologia oriunda da Linguística de Corpus, para a compilação, processamento e análise de corpora (ver seção 4.1 sobre o tópico).

Terminamos esta seção descrevendo, de forma breve, a organização deste trabalho. Iniciamos o capítulo 2, tratando da Terminologia e de suas interfaces, para então, nas suas subseções, caracterizar a área e discutir o papel do discurso metalinguístico das áreas de especialidade. No capítulo 3 e em seus desdobramentos, apresentamos o conceito geral de ficha terminológica vista sob vários ângulos. A partir disso, falamos sobre o papel da “definição terminológica” na microestrutura. No capítulo 4, e em suas subseções, falamos sobre os conceitos fundamentais da Linguística de Corpus e da importância desse para esta pesquisa. No capítulo 5 em diante, descrevemos a metodologia utilizada nas etapas gerais e específicas, mais especificamente, a elaboração do *cópus* de estudo. Após isso, ainda nos desdobramentos da metodologia, evidenciamos os critérios para extração dos termos a serem utilizados, para então, demonstrarmos como se deu a edição das fichas terminológicas e a criação dos verbetes. No capítulo 6, apresentamos as



fichas terminológicas e seus verbetes já concluídos. No capítulo 7, fazemos reflexões sobre o que fora desenvolvido ao longo do trabalho a fim de responder os questionamentos norteadores e oferece-los uma resposta coesa, ainda que incipiente. As seções seguintes contêm as referências mencionadas no corpo da monografia e, no apêndice, a lista das cem palavras-chave em ordem decrescente de chavicidade (*keyness*).

De modo geral, construímos um cópuz a partir do qual extraímos unidades terminológicas a serem descritas. Por questões de tempo e gênero textual (nesse caso, um texto monográfico), restringimos o escopo do trabalho a um processo inicial inevitável a qualquer atividade terminográfica, ou seja, o fichamento dos termos. A partir do cópuz de estudo, exploramos estruturas linguísticas sob uma análise quantitativa e qualitativa para selecionar e descrever, posteriormente, os termos mais representativos da Terminologia em fichas terminológicas, para, no fim, organizá-las como verbetes.

## 2 TERMINOLOGIA E SUAS (INTER)FACES

### 2.1 BREVE CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA

A expressão terminologia é polissêmica: pode significar tanto os termos técnicos/científicos de uma área (Terminologia) quanto um campo de estudo com uma dimensão aplicada (Terminografia) que pode se refletir, entre tantas atividades, na produção de dicionários e glossários técnicos. (KRIEGER; FINNATO, 2004, p.13)

A Terminologia, enquanto campo de estudo, tem nos termos e nas fraseologias especializadas alguns de seus objetos de reflexão e tratamento. Esses objetos representam, de maneiras diferentes, os princípios do conhecimento especializado e a função que exercem é de extrema importância para o estudo dos fenômenos terminológicos.

A palavra “termo” sofreu alterações e ajustes em seu conceito devido ao surgimento de teorias com abordagens e epistemologias diferenciadas. Vejamos, a seguir, as principais ideias de alguns teóricos que contribuíram significativamente para o desenvolvimento dos estudos terminológicos.

Wüster<sup>6</sup>, criador da Teoria Geral da Terminologia (TGT), interessava-se pelos termos, dissociando o léxico da gramática, do contexto e do discurso, considerando-os unidades com vida independente. Não levava em consideração termos polissêmicos, sinônimos ou homônimos, pois partia do pressuposto de que o conhecimento especializado é uniforme e independente das línguas e culturas que o cercam, ou seja, de uma situação de comunicação *in vitro*<sup>7</sup>.

O livro intitulado ‘A Teoria Geral da Terminologia’<sup>8</sup> enfatiza o interesse pela ausência de sinonímia e precisão de conceitos (monossemia), por textos escritos, pelas formas internacionais de designação e controle consciente da evolução (planejamento, unificação e padronização), e uso exclusivo da abordagem onomasiológica (parte do conceito para a designação). Para Wüster, a linguagem tecnicista deveria ser padronizada, e, por isso, refutava a dimensão pragmática da língua.

---

<sup>6</sup> Wüster, E. *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica*. Trad. Anne-CéciliNokerman. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1998.

<sup>7</sup> Estudado fora de seu contexto de uso comunicativo.

<sup>8</sup> O título *The General Theory of Terminology* somente apareceu após 1979.

Para a TGT, os termos não são vistos como elementos naturais das línguas naturais e não são estudados dentro de seus contextos de uso comunicativo. O objetivo último dessa teoria é o de padronizar os léxicos especializados para favorecer a eficácia das comunicações científicas e técnicas em plano internacional. Mesmo com limitações, como não considerar sinonímia e polissemia como fenômenos também presentes na língua de especialidade, a teoria wüsteriana justifica seu papel de referência porque auxiliou a Terminologia a estabelecer-se como campo de conhecimento com fundamentos epistemológicos e objeto próprio de investigação. (KRIEGER; FINATTO, 2004).

No entanto, a sua teoria abriu portas para o estudo da Terminologia em outros países, pois da sua abordagem teórica, tanto as Américas quanto a Europa extraíram suas primeiras coordenadas do saber-fazer em Terminologia. “E isso é incontestável a despeito de seus fundamentos epistemológicos, de seus ideais padronizadores para assegurar a intercomunicação profissional no plano internacional [...]” (KRIEGER; BEVILACQUA, 2005, p.2).

A evolução subsequente das teorias terminológicas mostrou uma outra faceta ainda não observada pelos teóricos da área: a da função comunicativa da linguagem especializada. Cabré (1999) propôs a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) com base na valorização dos aspectos comunicativos das linguagens especializadas e na compreensão de que as unidades terminológicas formam parte da linguagem natural e da gramática das línguas, privilegiando uma situação de comunicação *in vivo*. Contrariamente à TCT, as inferências teóricas de Wüster foram baseadas na observação de uma área limitada das linguagens técnicas – termos técnicos padronizados que tinham equivalentes sobre um conceito previamente unificado explicando, dessa forma, a abordagem utilizada por ele e a essência de sua posição terminológica. Por essa razão, Cabré menciona que Wüster desenvolveu uma teoria sobre o que a terminologia deveria ser, a fim de assegurar uma comunicação plurilíngue que não fosse ambígua, e não sobre o que a terminologia realmente é em sua grande variedade e pluralidade. Essa nova visão dos estudos terminológicos redefine o termo e sua natureza linguístico-comunicativa, e postula sua constituição poliédrica (CABRÉ, 1999).

As novas correntes dos estudos terminológicos, então, definem termos como itens lexicais que não se distinguem da palavra do ponto de vista de seu funcionamento: levam em consideração os contextos linguísticos e pragmáticos em

que se encontram, contribuem para a articulação do estatuto terminológico de uma unidade lexical e explicam a presença de sinonímias e variações nos repertórios terminológicos. A compreensão de que um termo é elemento da linguagem em funcionamento significa relacioná-lo a uma série de componentes de natureza semiótica, pragmática e ideológica que permeiam os processos de comunicação.

Num plano formal, existe o processo de terminologização, através do qual palavras da língua comum sofrem uma mudança em seu significado e alcançam o estatuto de termo – palavras comuns adquirem significados especializados, pertencentes a um determinado campo do saber, tornando-se, assim, elementos integrantes de repertórios de termos. Dito de outra forma, palavras utilizadas no repertório da língua geral acabam por se transformar em termos (palavras encontradas no léxico especializado).

Nos tempos atuais, vemos as terminologias sofrendo os efeitos da larga difusão do conhecimento técnico-científico, adentrando em cenários comunicativos diversos, e não apenas nos intercâmbios profissionais. As unidades terminológicas passaram a fazer parte do dia-a-dia dos falantes nativos, às vezes sofrendo perdas e/ou ganhos conceituais. É o que Barbosa chama de “crise do conhecimento estruturado”, ou seja, quando não temos um conhecimento estanque ou fechado em si; pelo contrário, temos uma rede que interliga as ciências em geral, caracterizando relações multidisciplinares. Portanto, podemos afirmar que:

“diante da fragmentação dos sistemas cognitivos hierárquicos que cedem espaço à coexistência de saberes, a Terminologia está sendo levada a reequacionar os esquemas de apreensão e tratamento das terminologias em dimensões mais amplas [...]”. (KRIEGER; BEVILACQUA, 2005, p.3).

Outra face da Terminologia - a Terminografia - possui um cunho essencialmente aplicado, mais precisamente, refere-se à prática de elaborar dicionários terminológicos e/ou glossários, enciclopédias e léxicos de um domínio especializado. Cada obra terminográfica exhibe determinadas estruturas tipológicas que as diferenciam entre si, porém todas convergem no objetivo de atender a uma necessidade por parte do usuário que a consultará futuramente.

Dentre esse conjunto de obras produzidas existem algumas diferenças quanto às suas definições e características. Assumiremos, no entanto, a classificação tipológica proposta por Barros (2004, p.143-144), que acreditamos ser a mais coerente com a nossa proposta de trabalho: 1) o nível de atualização da

unidade lexical, 2) a presença ou ausência de definições e 3) a presença ou ausência de dados enciclopédicos. A tipologia caracterizada pela autora no que concerne aos produtos terminográficos pode ser tomada como um modelo a partir do qual será construído um produto terminográfico qualquer.

Dentre os fatores citados acima para a caracterização de uma obra, ainda podem ser incorporados outros que dependem do escopo que o terminógrafo adota em seu trabalho. Barros (2004, p.144-145) propõe uma nomenclatura a ser seguida, definida conforme seu aporte teórico, e cita, por exemplo, dados pertinentes a serem inseridos no trabalho, como o número de línguas, o tipo de unidade lexical tratada, a extensão da nomenclatura, a ordem alfabética ou sistemática das entradas, a natureza das informações veiculadas pelos verbetes, o leitor/usuário, as ilustrações dentre outros.

Além de um objetivo claro para orientar o trabalho, a etapa de planejamento desses repertórios é fundamental, pois guiará a confecção da obra até o momento final de sua produção. Inicialmente, deve-se colocar em pauta o tipo de obra terminográfica a ser compilada e para qual público será destinada e, ainda, se há condições técnico-científicas para realização da mesma, para então, começar a alinhar os dados tipológicos do produto. Há requisitos a serem cumpridos para que a obra seja exequível e tenha limites claros no que concerne a sua macro e microestrutura. Por exemplo, há de se pensar quais os tipos de dados veiculados (se são de natureza linguística ou extralinguística), a quantidade de unidades terminológicas tratadas, e quais normas serão adotadas para a classificação tipológica dos repertórios

Um elemento metodológico que sucede a essas decisões são as fichas terminológicas: sua elaboração a priori é fundamental à construção de um produto e pode servir de auxílio para futuras obras terminográficas. Mais detalhes serão dados na seção 3.1 desse trabalho, momento em que trataremos desse elemento.

## 2.2 O DISCURSO METALINGUÍSTICO DAS ÁREAS DE ESPECIALIDADE

É apropriado fazer uma distinção sobre o método de estudo conceitual. Enquanto temos na lexicologia a procura por sentidos dados às palavras nos seus diferentes contextos de uso, logo, uma análise semasiológica, temos na terminologia o caminho inverso, parte-se de um conceito a partir do qual se almeja criar um

elemento designativo coerente ao que o conceito designa, ou seja, uma análise onomasiológica.

Portanto, em Terminologia, há a procura, ou criação, por denominações que têm seus limites impostos pela designação propriamente dita, oriundas de um experimento, observação, aplicação metodológica, categorização e etc., que “não nos são impostas, mas nascem dos imperativos da vida, quer dizer, de nossas visões ditas pela experiência e pela compreensão das coisas.” (CLAS, 2004, p.224).

Em se tratando de ciência, sabemos que a precisão de sua nomenclatura confere ao seu estudo dinamicidade, proporcionando um discurso claro e coerente, que possibilita aos seus usuários comunicarem-se efetivamente dentro do próprio ramo científico.

No entanto, criar uma terminologia que seja o mais próximo possível da sua realidade conceitual é uma atividade complexa. Apartar um conceito de uma dada realidade e torná-lo como padrão é não levar em conta suas múltiplas facetas, mediante às mais diversas realizações pragmáticas.

Assumimos que a unidade terminológica como elemento linguístico, também é passível a alterações semânticas desde o momento de sua criação e uso. Por causa desse comportamento, da unidade terminológica se situar *in vivo* dentro da língua, e ser poliédrica em suas facetas (linguística, cognitiva e sócio comunicativa), ela adquire contornos ou matizes necessários para satisfazer o desejo do utente da língua. É devido a essa “exigência” do falante, por exemplo, o fato de haver estrangeirismos linguísticos que são adotados pela língua vernácula devido a condições linguísticas e socioculturais.

Isso se refere também aos aspectos morfológicos, sintagmáticos e sintáticos. Na TCT, esses são alguns pontos fundamentais que orientam a pesquisa terminológica. Cabré (1999, 2003) define os termos como unidades denominativas e designativas que apresentam variação (polissemia e sinonímia) e que não são apartadas do léxico geral de um falante, mas são “valores especializados” das próprias palavras do léxico geral desse falante, não configurando uma unidade léxica como geral ou terminológica, mas uma unidade geral que adquire valor especializado ou terminológico no momento em que motivações pragmáticas do discurso ativam seu significado especializado.

Temos a caracterização da unidade como polissêmica e não apartada de seu contexto linguístico, a qual é propensa a ser modificada em diferentes níveis

vocabulares. A mesma se encontra propensa a ser um termo, uma vez que está disponível na língua geral e seu significado especializado é ativado no momento em que as condições pragmáticas o requererem, pois: “[...] toda unidade léxica seria, pois, potencialmente uma unidade terminológica, ainda que nunca tivesse ativado este valor<sup>9</sup>.” (CABRÉ 1999, 2003). Logo, uma unidade lexical não é termo ou vocábulo propriamente dita, mas está propensa a se tornar um ou outro.

Dessa forma, chegamos em dois processos de constituição e reconstituição das terminologias e metalinguagens técnico-científicas: o processo de terminologização e o de vocabularização. Terminologizar um vocábulo da língua geral é transformá-lo em um termo. Esse processo, contudo, pode ter duas acepções distintas. A primeira refere-se à passagem de vocábulo como unidade lexical para uma unidade terminológica; a segunda, trata de um conceito e da sua concretização como signo linguístico. Em contrapartida, vocabularizar um termo é transformá-lo em um vocábulo de língua geral. Essa concepção teórica pode ser chamada de banalização, vulgarização e popularização. No entanto, esses processos assumem contornos específicos dependendo da situação comunicativa na qual são encontrados. Alguns exemplos citados por Barbosa ([2014], p.3) elucidam o dito acima:

[...] podemos lembrar o exemplo de sintagma, do gr. *sintagma*, através do latim *sintagma*. Na linguagem comum, significava “reunião” (neste sentido, existe a praça *Sintagma*, em Atenas) e, nas ciências da linguagem, passa a significar “combinatória intersignos ou inter-palavras”. É o caso, também, de peregrinismo, que, na língua comum, significava “ir em romaria” e, nas ciências da linguagem, passou a significar “emprego de vocábulo estranho à língua vernácula, estrangeirismo”.

A sociedade, em geral, aproxima-se cada dia mais das linguagens técnicas e científicas devido à alta divulgação nos meios de comunicação de massa dos eventos e descobertas recentes. Portanto, esses dois contextos acabam interagindo entre si, causando algumas vezes falhas na comunicação, uma vez que a sociedade tende a simplificar de certa forma a própria linguagem científicista.

A partir disso, podemos pensar a difusão do conhecimento científico como um processo lexical de banalização/vulgarização terminológica - em vista de sua (des)terminologização - para se adquirir competência semiótico-linguística no universo de discurso existente entre não leigos e/ou semileigos. Em se tratando de

---

<sup>9</sup> *Toda unidad léxica sería pues potencialmente una unidad terminológica, aunque nunca hubiera activado este valor.* (tradução nossa).

perdas conceituas, temos a “vulgarização” como uma transferência adulterada do fenômeno científico na sociedade, acabando por divergir do que realmente se trata. Contudo, esse fenômeno não necessariamente deprecia o que designa, mas sim, adequa um conceito (ou extrai um matiz semântico que se encontra na ideia-núcleo do termo a apropriar-se) às necessidades contextuais para às quais almeja vigorar. Conforme Barbosa (2004, p.322-323):

[...] a vulgarização é o processo de passagem de um termo técnico-científico para a língua comum, com a perda de sua especificidade e desvinculação ao universo de discurso de origem.

Nesse estudo, o que nos interessa, porém, é a *banalização terminológica*, que assume uma acepção especializada nesse contexto, deixando de lado a definição dada pelo Dicionário Aurélio (2014, versão *on-line*) para “*banal*”, ou seja, *vulgar, trivial, corrente, corriqueiro*. A banalização é um processo interdiscursivo de transcodificação de uma linguagem anterior; no entanto, a linguagem técnico-científica/especializada não resulta em uma linguagem adulterada, mas sim em uma linguagem banalizada, que significa “um texto ponte entre a metalinguagem especializada e a linguagem coloquial.” (BARBOSA, 2004, p.322). A linguagem banalizada é um texto de partida, a partir do qual se almeja a intercomunicação entre o discurso técnico-científico/especializado e a linguagem comum, do ponto de vista da codificação e decodificação, sem retirar os contornos específicos que um determinado conceito adquire em sua esfera do discurso.

Ambos processos tratam de uma ideia central e do rediscurso de acordo com fatores linguísticos e extralinguísticos. Consideremos o aluno como um agente que atuará sobre a linguagem original, para então, transformá-la conforme sua necessidade, visto que, normalmente, o primeiro contato na pesquisa se dá através da exploração de sua modalidade oral, através do discurso do professor, para posteriormente, através do contato com a bibliografia de referência em seus estudos, ter contato com a modalidade escrita da ciência estudada. Segundo Barbosa (2004, p.313): “Aprender uma ciência básica, uma ciência aplicada, ou uma tecnologia corresponde a aprender (adquirir competência e desempenho<sup>10</sup>) a linguagem de especialidade respectivamente constituída.”.

---

<sup>10</sup> Sublinhado nosso.



Focando na competência e no desempenho dos alunos, vemos esses fenômenos lexicais como práticas didáticas, visto que sua função e natureza são, fundamentalmente, metalinguísticas. Portanto, banalizar a linguagem especializada é ampliar o saber-fazer do aluno.

Nesse sentido, intentamos ampliar essa competência através da definição das unidades terminológicas descritas nas fichas terminológicas, e organizadas nos verbetes, como um recurso didático, tal qual a paráfrase, a sinonímia entre outros recursos utilizados no ensino. A definição, que comporta o conteúdo semântico-conceptual da unidade, trará informações predominantes sobre o fenômeno em um discurso moldado pela banalização de uma linguagem especializada, circulando e difundindo o conhecimento técnico-científico. Mais detalhes sobre a definição de uma unidade terminológica serão dados na seção 3.1.1 desse trabalho.

### 3 CONCEITO GERAL DE FICHA TERMINOLÓGICA

As fichas terminológicas constituem um elemento essencial para qualquer trabalho a ser realizado pelo terminógrafo. Trata-se de uma fase inicial que se desenha de acordo com as necessidades do projeto a ser elaborado. Partindo desse elemento, consegue-se chegar a uma visão geral sobre a unidade terminológica extraída do *cópus* de estudo. Krieger e Finatto (2004, p.136) definem esse componente:

[...] como um registro completo e organizado de informações referentes a um dado termo. Nela, constam informações indispensáveis, tais como a fonte textual de coleta de um termo, segmentos de texto onde esse termo ocorre, seus contextos de uso, informações sobre variantes denominativas, sinônimos, construções recorrentes que o acompanham. A ficha também reúne informações operacionais ao trabalho, tais como nome do responsável pela coleta, datas de registro e revisão etc.

Com esse registro, tem-se um levantamento sobre informações tanto terminológicas quanto terminográficas necessárias para a prossecução do trabalho. É válido, no entanto, mencionar a distinção existente entre dados terminológicos e terminográficos incorporados nas fichas, os quais constarão na proposta dessa monografia.

Entende-se por dados terminológicos, aquelas informações referentes à natureza linguística e às relações contextuais de cada unidade terminológica uma com a outra. Segundo Barros (2004, p.212), dessa ordem terminológica, podemos destacar as informações mais relevantes sobre: a) sobre a unidade linguística em si que, leva em conta aspectos morfológicos, sintáticos e pragmáticos do futuro verbete; b) a descrição da unidade terminológica no que se refere à visualização de exemplos, figuras, contextos de uso e etc. e, por fim, c) as relações intersígnicas de ordem semântica, como por exemplo, relações de sinonímia, parassinonímia, hiperonímia-hiponímia.

Em contrapartida, temos os dados terminográficos que também são inclusos na catalogação dos termos, ou seja, nos campos a serem preenchidos nas fichas. Tais informações se complementam com as referidas acima, acrescentando, porém, uma outra gama de aspectos concernentes à organização estrutural da obra. Ainda segundo Barros (2004, p.212), temos uma listagem dos dados mais utilizados em trabalhos terminográficos: a) domínio de aplicação do termo; b) indicativo de país, de língua e de autoridade; c) notas; d) símbolo de classificação; e) fontes; f)

data do primeiro registro e da última atualização da ficha; g) número de série; h) frequência de ocorrência; i) descritores e j) língua de partida e língua de chegada. Vale salientar que, embora nem todos os dados inclusos nas fichas serão incorporados no produto final, muitos deles servem para orientar o trabalho do terminógrafo, a fim de torná-lo mais eficaz.

Desses dados, sejam terminológicos, sejam terminográficos selecionamos aqueles que acreditamos estarem em consonância com o objetivo dessa pesquisa, uma vez que visa à socialização do conhecimento sobre Terminologia. Na próxima seção, apresentamos um panorama sobre os modelos de fichas e sua utilização na prática terminográfica.

### 3.1 A FICHA TERMINOLÓGICA VISTA SOB VÁRIOS ÂNGULOS

Cabe salientar que encontramos na pesquisa terminológica dois tipos de fichários: um sobre os dados de referência do termo, e outro sobre os dados terminológicos em si.

O primeiro visa à “localização” do verbete quanto à(o)(s): i) bibliografia contendo informações referentes ao autor que cunhou ou usa o termo; ii) título da obra no qual ele pode ser encontrado; iii) cidade; iv) editora que detém os direitos autorais; v) ano de publicação, número de páginas, volume, número da revista, enfim, dados de certa forma não-linguísticos.

O segundo tipo de fichário, o qual se adequa a nossa proposta, trata dos verbetes desde sua recolha, registro e análise. Dentro desse segundo fichário, temos uma divisão sobre três modelos de fichas utilizadas terminologicamente: 1) a ficha de trabalho, 2) a ficha de síntese e 3) a ficha de remissiva.

Temos, nas páginas seguintes, a definição e utilização de cada proposta de ficha contendo dados terminológicos. A fim de ilustrar como elas se desenham, trouxemos um modelo de cada tipo, utilizados para a mesma entrada, “leishmaniose cutânea”, a qual, provavelmente, constará em um dicionário da área da saúde.

A ficha de trabalho registra inicialmente os dados encontrados na pesquisa bibliográfica:

Figura 01 – Ficha de trabalho

<b>Termo</b>	leishmaniose cutânea
<b>Classificação</b>	01
<b>Outras designações</b>	Leishmaniose do velho mundo Botão Bolha Úlcera do Oriente
<b>Contextos</b>	"infecção com leptomônadas da <i>Leishmania trópica</i> inoculadas na pele por picada de um inseto infectado do género <i>Phlebotomus</i> . A ulcera começa como uma pápula, que aumenta até chegar a um nódulo que, então, rompe para a fora sob a forma de uma úlcera." (Sted., p.203)
	moléstia produzida pela <i>Leishmania trópica</i> . Caracteriza-se por lesões cutâneas, ulcerosa ou não, com tendência à regressão espontânea, lesando excepcionalmente as mucosas. As lesões são semelhantes às da leishmaniose tegumentar americana: a princípio há eritema e infiltração, acompanhada ou não de prurido, no ponto da picada do mosquito; depois individualiza-se a pápula, tubérculo ou nódulo que, em muito doentes acabam por ulcerar." (Bech., p.136)
<b>Notas</b>	

Fonte: <http://slideplayer.com.br/slide/299039>. Acesso em 26 set. 2014.

A ficha de síntese centra-se no conteúdo conceptual da unidade a fim de adequá-la à realidade do seu contexto:

Figura 02 – Ficha de síntese

<p><b>Termo:</b> leishmaniose cutânea</p> <p><b>Outras designações:</b> Leishmaniose do velho mundo; Botão; Bolha; Úlcera do Oriente</p> <p><b>Causas:</b> leptomônadas da <i>Leishmania trópica</i> ; transmitida pela picada de inseto do género <i>Phlebotomus</i></p> <p><b>Características:</b> lesões cutâneas, ulcerosas ou não lesões que tendem à regressão espontânea Inicia-se com eritema acompanha prurido aparece a pápula a pápula evolui para tubérculo ou nódulo o nódulo pode ulcerar</p> <p><b>Localização:</b> atinge a pele excepcionalmente atinge as mucosas</p> <p><b>Definição:</b> leishmaniose cutânea s.f. leishmaniose transmitida pela <i>Leishmania trópica</i> por meio da picada de mosquitos do género <i>Phlebotomus</i>. Caracteriza-se pelo aparecimento de eritema e infiltração, acompanhados ou não de prurido no local da picada. Em seguida, surge uma pápula, que evolui para tubérculo, podendo chegar a nódulo. Este pode ulcerar ou regredir espontaneamente. Atinge a pele, mas pode acometer também, em casos excepcionais as mucosas.</p> <p><b>Leishmaniose do velho mundo:</b> s f Ver leishmaniose cutânea</p> <p><b>Botão:</b> s f Ver leishmaniose cutânea</p> <p><b>Bolha:</b> s f Ver leishmaniose cutânea</p> <p><b>Úlcera do oriente:</b> s f Ver leishmaniose cutânea</p>
--

Fonte: <http://slideplayer.com.br/slide/299039>. Acesso em 26 set. 2014

A ficha de remissiva remete às possíveis designações do verbete em questão, donde temos a decomposição e análise do conceito, criando campos semânticos e ligando variantes:

Figura 03 – Ficha de remissiva

<b>Classificação</b>	01
<b>Designação</b>	Úlcera do oriente
<b>Remissiva</b>	<b>Ver</b> leishmaniose cutânea

Fonte: <http://slideplayer.com.br/slide/299039>. Acesso em 26 set. 2014

Nosso modelo inclui dados terminológicos, terminográficos e congrega elementos de trabalho e de síntese, visto que as fichas são desenhadas pelos seus autores, em consonância com os objetivos de seu projeto. Portanto, cabe salientar que, devido aos nossos objetivos, tomaremos o passo inicial da metodologia terminográfica, ou seja, a ficha, para incluirmos nela o processo de banalização lexical e o compartilhamento de conhecimento, que futuramente pode ser replicada na elaboração de um glossário para aprendizes.

Neste momento, faremos uma descrição sobre os campos que constituirão a nossa ficha a fim de alcançarmos o que propusemos nos nossos objetivos. Para tanto, elaboramos um modelo que fosse capaz de partilhar informações sobre determinada unidade terminológica, tendo em vista alcançar um nível de banalização vocabular, para aproximar o discurso especializado da Terminologia a alunos de Letras que não tenham sido (ou minimamente) expostos à área em questão.

Acredita-se que os dados disponibilizados possam auxiliar a dirimir a lacuna existente entre essas duas esferas do discurso (a do professor e a do aluno), pois descrevem o verbete, contextualizando-o dentro da área de estudo. Uma vez tendo contato com essas informações, o usuário terá um conhecimento apriorístico, subsídio que lhe falta em condições normais de contato com um conhecimento novo. Segue, então, em ordem alfabética o que propomos a descrever de cada unidade terminológica, nos respectivos campos, dando ênfase ao último tópico da lista, a definição (a seção 3.2.1 é exclusiva sobre o tópico):

**1) Área:** unidade de tratamento da própria área da Terminologia nas suas possíveis linhas de pesquisa (Socioterminologia, Teoria Sociocognitiva, Terminologia Textual, etc.).

**2) Contexto:** exemplo de ambiente linguístico natural que o termo se encontra, a fim de elucidar o conceito ao falante quando ele confrontar a definição e o seu uso no texto.

**3) Entrada:** unidade de tratamento sobre o qual a ficha é referente. De acordo com Barros (2004), não deve ser marcada por inflexões verbais (caso seja um verbo), nem vir no feminino (salvo se ela comportar traços relevantes), nem ser pluralizada (salvo se há plurais lexicalizados ou variações semânticas).

**4) Frequência:** dado estatístico referente às ocorrências dos termos no cópula de estudo e de referência.

**5) Informação gramatical:** dados relativos à composição fonética, morfológica, sintática e semântica da entrada.

**6) Antonímia:** termos que se colocam em oposição semântica ao verbete.

**7) Sinonímia/parassinonímia<sup>11</sup>:** possíveis termos concorrentes, tolerados, equivalentes, ou ainda relações de significância que a entrada possa apresentar, dependendo do uso.

**8) Ver também:** sugestões de leitura para esclarecer a unidade terminológica tais como informações autorais, sites de pesquisa, dicionários especializados, possíveis relações semânticas que a mesma unidade possa ter com outras áreas.

**9) Definição:** conteúdo semântico-conceitual da unidade terminológica. Veremos mais detalhes sobre a “definição” na seção 3.1.1.

A título de ilustração, dispusemos, logo abaixo, a ficha terminológica de autoria de Rollsing (2014), de acordo com os parâmetros desta pesquisa:

---

<sup>11</sup> “Os parassinônimos são termos que podem ser considerados como tendo o mesmo sentido, mas cuja distribuição não é exatamente equivalente. O conceito de parassinonímia se distingue, assim, da de sinonímia, que recobre os termos tendo o mesmo sentido e a mesma distribuição, isto é, são comutáveis em todos os contextos e em todas as situações. Como não existem sinônimos perfeitos, é preferível falar de parassinonimos ou de sinônimos em discurso (Galisson, 1979, p.187).” (BARROS, 2004, p. 221-222).

Figura 04 – Exemplo da ficha terminológica elaborada e seu respectivo verbete

<b>Entrada:</b>	
<b>Nº de ocorrências:</b>	
<b>Área:</b>	<b>Inf. gramatical:</b>
<b>Definição:</b>	
	Fonte:
	Fonte:
<b>Contexto:</b>	
	Fonte:
<b>Sinonímia:</b>	<b>Antonímia:</b>
<b>Ver também:</b>	

<b>Ter.mo</b> ( <i>desinência indicativa de plural</i> ), <i>gênero da palavra</i> : “definição.”
<b>Ex</b> : “exemplo de uso.”
<b>Sinônimo</b> :
<b>Antônimo</b> :
<b>Ver</b> :

Autor: Rollsing (2014).

### 3.1.1 A Definição na Microestrutura

É oportuno apresentarmos o que vem a ser a microestrutura de uma obra terminográfica, para salientarmos um de seus elementos, o paradigma definicional, que é a definição propriamente dita da unidade terminológica. Porém, antes disso, incluímos características gerais da macroestrutura, igualmente importante no processo de elaboração dicionarística.

De modo geral, a macroestrutura corresponde às características que tipificam determinado produto terminográfico, pois ordenam a organização da obra em todo o seu nível estrutural. Como exemplo de elementos da macroestrutura, temos as páginas iniciais de um dicionário, as quais têm por função descrever a obra em si, para orientar o usuário quanto ao seu uso. É comum, igualmente,

encontrarmos páginas que introduzem os objetivos da obra, a motivação de sua compilação, seu público-leitor bem como listas de abreviaturas, símbolos etc. empregados ao longo do livro. Corresponde também à macroestrutura, a ordenação alfabética dos verbetes e a lista de entradas que constituem a nomenclatura da obra.

Em contrapartida, temos a microestrutura de um produto. Ela está voltada não para a obra como um todo, mas sim, para o verbete e as informações nele inclusas. Nela, constam elementos muito importantes como a entrada (ou endereço em Lexicografia, e vedeta em Terminologia), os diferentes tipos de definição (em um dicionário de língua geral, ou em vocabulários técnico-científicos), e a adequação ao domínio.

É na “definição”, também chamada de *enunciado definicional*, que: “Consiste em uma paráfrase sinonímica que exprime o conceito designado pela unidade lexical ou terminológica por meio de outras unidades linguísticas [...]”. (BARROS, 2004, p.159), que veiculamos informações que sejam claras de acordo com o que vimos na seção 2.2 sobre o processo de banalização terminológica. Podemos considerar esse campo como relevante para o usuário que necessita esclarecer um conceito opaco, o qual o impede de entender o fenômeno designado, ou, de certa forma, dificultoso para formular um conceito claro, devido a polissêmia com que o termo é tratado em diferentes trabalhos acadêmicos. Em vista disso, ele ou ela achará na definição um texto banalizado (mais detalhes na seção 5.2), o qual atuará como suporte teórico para amenizar suas dificuldades de entendimento.

Os enunciados definicionais se distinguem de acordo com a obra lexicográfica ou terminográfica em que se apresentam. Sua estrutura varia, pois o foco das obras é diferenciado, logo, a definição tem de obedecer às regras de construção do repertório bem como suas características. O primeiro tipo são as “definições lexicográficas”, onde há a predominância de informações linguísticas, tendo como objeto a ser definido a “palavra”. O segundo tipo são as “definições enciclopédicas”, onde há predominância de conceituação de “coisas,” atribuindo características extralinguísticas e referenciais em seu texto definitório. E, por último, temos as “definições terminológicas”, que “trazem predominantemente conhecimentos formais sobre “coisas” e “fenômenos”. (BARROS, 2004, p.159)”. É essa última definição que nos interessa, ou seja, aquela que se preocupa em definir conceitos, práticas, fenômenos de uma área do conhecimento, nesse caso, dentro da Terminologia.



O tópico tratado nessa seção é, seguramente, muito mais complexo do que aqui apresentado. Conforme constatado na pesquisa bibliográfica, a definição ainda é um ponto que precisa ser trabalhado, principalmente quando se trata da definição terminológica. Finatto (2001, p.83) deixa claro essa visão quando diz que:

“São ainda poucos ou praticamente inexistentes, até quanto sabemos, estudos investigativos específicos publicados sobre a definição terminológica que aparece nos dicionários e até mesmo em textos especializados.”

Sabendo que esse elemento é o centro da microestrutura, achamos válido utilizá-lo para fornecer informações que definam o conceito, de acordo com as diferentes fontes pesquisadas. Não é necessário que se restrinja o conceito a uma significação somente. Pelo contrário, proporcionar outras designações é colocar em comparação o que se aproxima e o que se distancia de acordo com a visão de diferentes autores. Assim, se o aluno deseja saber o que é um “glossário”, poderá encontrar diferentes definições, ou caracterizações, todas válidas e recorrentes, sobre o mesmo termo e eleger a que melhor se adapte à sua necessidade. Vejamos diferentes definições para o termo “glossário”: 1) “O glossário situa-se, enfim, no nível da fala, reunindo as palavras-ocorrência de um texto específico.” (BARBOSA apud BARROS, p. 136); 2) “[...] uma obra que “define ou explica termos antigos, raros ou pouco conhecidos” (Boutin-Quesnel, 1985, p.29)” (OFFICE DE LA LANGUE FRANÇAISE apud BARROS, p. 136) e/ou 3) “Sua principal característica é não apresentar definições, mas tão somente uma lista de unidades lexicais ou terminológicas acompanhadas de seus equivalentes em outras línguas.” (BARROS, p. 144)

Isso exposto, passemos para a outra seção, que destina-se à descrição sobre Linguística de Corpus.

## 4 LINGUÍSTICA DE CORPUS: DEFINIÇÃO E TIPO (DE CORPUS) NESTA PESQUISA

Neste capítulo, introduzimos um panorama geral sobre a Linguística de Corpus (doravante LC) do ponto de vista conceitual e metodológico e delineamos, brevemente, o tipo de cópús que utilizamos.

É importante definirmos o que é um cópús linguístico e, para tanto, fazemos uso do *Glossário de Linguística de Corpus*:

[...] um cópús é uma coletânea de textos (um 'corpo' de língua) armazenado em uma base de dados eletrônica. Corpora são usualmente extensos corpos de textos legíveis por computadores contendo milhares ou milhões de palavras.<sup>12</sup>

No entanto, de acordo com Sardinha (2004), devemos incluir, nessa definição, alguns critérios tais como origem, propósito, composição, formatação, representatividade e extensão. Não podemos esquecer que o nome LC foi cunhado por um dos mais influentes linguistas de cópús do mundo, Douglas Biber, da Universidade de Cambridge, cujo estatuto (da LC) tomou-a como “uma abordagem baseada em corpus”.

A LC, mais precisamente, investiga línguas naturais através de textos falados ou escritos, debruçando-se sobre eles a fim de extrair e descrever fatos linguísticos intrínsecos, somente possíveis de serem “vistos” por meio de programas de computador especializados no tratamento de dados textuais. “Embora um corpus não contenha novas informações sobre a língua, através de pacotes de programas que processam dados, podemos obter uma nova perspectiva sobre o que é usual.<sup>13</sup>” À medida que intentamos analisar uma dada quantia de textos através de *softwares* específicos, recorreremos necessariamente a uma metodologia e a critérios científicos replicáveis. E, quando aliamos essa metodologia ao aporte teórico funcional da Terminologia, estamos reafirmando uma interface que muito contribuem para ambos os lados. A LC vai em encontro da Terminologia, pois, de certa forma, ambas descrevem uma modalidade da língua e carregam em si uma visão mais

<sup>12</sup> “[...] a corpus is a collection of texts (a ‘body’ of language) stored in an electronic database. Corpora are usually large bodies of machine-readable text containing thousands or millions of words.” (Baker; Mcenery, 2006, p.49, tradução nossa).

<sup>13</sup> *Although a corpus does not contain new information about language, by using software packages which process data we can obtain a new perspective on the familiar.* (HUNSTON, 2002, p.2–3. Tradução nossa).

pragmática da mesma. Sardinha em sua obra “*Linguística de Corpus* (leitura basilar sobre o assunto), já em seu prefácio, corrobora com o exposto, pois:

[...] Ao revelar uma quantidade surpreendente de evidências linguísticas providas de corpora eletrônicos, a Linguística de Corpus questiona os paradigmas estabelecidos dos estudos linguísticos e mostra novos caminhos para o linguista, o professor, o tradutor, o lexicógrafo e muitos outros profissionais. **A influência mais visível no mundo contemporâneo está na preparação de dicionários. Hoje, todos os grandes dicionários da língua inglesa (de Oxford até Cambridge, Collins, Longman) são feitos com base em Linguística de Corpus<sup>14</sup>.** (SARDINHA, 2004, p.XVII-XVIII).

Conforme visto, necessitamos incorporar a LC nesta pesquisa. De acordo com o exemplo dado, a produção de obras dicionaristas com base em corpora escritos em língua inglesa é muito recorrente e fundamental para a atualização dos repertórios presentes em qualquer obra. Sardinha (2004) deixa claro que as evidências que encontramos na análise de corpora fundamentam a prática lexicográfica, e por extensão, a prática terminográfica.

Aliado a esse fato, o computador (cujo advento deu-se aproximadamente na década de 60), permitiu o processamento de grandes quantias de dados, incluindo sua coleta, limpeza, etiquetagem e análise. Corpora de grandes extensões requeriam um empreendimento humano de proporções hercúleas, o que tornava muitas vezes a prossecução do trabalho inviável. Capaz de reunir grande quantidade de dados, o computador tomou o lugar da extração manual e foi capaz de extrair evidências linguísticas empíricas e apresentá-las ao pesquisador. Por isso,

[..] A popularização dos computadores possibilitou o acesso de mais pesquisadores ao processamento de linguagem natural enquanto a sofisticação do equipamento permitiu a consecução de tarefas mais complexas de forma mais eficiente, já que o aumento da capacidade de armazenamento e a introdução de novas mídias [...] facilitaram a criação e manutenção de corpora em maior número. (SARDINHA, 2004, p.4-5)

Logo, a LC está intimamente ligada à computação, e é aplicável às inúmeras áreas não somente dentro da Linguística, como também em qualquer área que queira estudar e descrever a língua. Citamos como exemplos empresas privadas que financiam projetos com linguistas de córpus para criarem corpora de textos de negócios a fim de descreverem aquela modalidade da língua; instituições governamentais que queiram estudar o português para o direito; ou, ainda,

---

<sup>14</sup> Grifo nosso.

universidades que queiram desenvolver testes de proficiência de gêneros acadêmicos.

Com relação ao tipo de córpus que fizemos uso nesta pesquisa, podemos dizer que é autêntico, ou seja, foram selecionados textos que ocorrem naturalmente em suas esferas do discurso e, portanto, não foram produzidos para serem constituintes de uma pesquisa científica, ou córpus de estudo propriamente dito (embora seja esse o seu propósito, servir de objeto de estudo a fim de se investigar padrões e comportamentos linguísticos que ocorram naturalmente em seu interior).

Em relação à sua composição, procuramos por artigos acadêmicos que tratassem exclusivamente de assuntos pertencentes ou próximos da temática da Terminologia. Selecionamos aqueles cuja extensão média variava entre 10 e 15 laudas, e que fossem escritos por autores renomados da área. Sua extração se deu a partir do material disponibilizado em sítios especializados no assunto.

A formatação dos textos que constituem nosso córpus de estudo é legível pelos softwares de análise linguística disponíveis no mercado. No que se refere a sua extensão, o córpus é vasto o suficiente para servir de análise ao escopo do nosso trabalho e se presta adequadamente para fornecer os dados desejados, sendo representativo da temática que almejamos estudar, pois de acordo com Tagnin: “Cabe ao criador do corpus estabelecer os critérios que garantam essa representatividade. Como disse Leech (1991, p.27), a representatividade “é um ato de fé”.”

Assim, delineado os limites do nosso córpus de estudo, procuramos e selecionamos o córpus para referência, o qual deve abranger a língua geral, contemplando diferentes contextos de uso. Ele serve como parâmetro, permitindo que digamos qual a frequência e grau de especialização de um termo em um contexto de uso em detrimento de outro.

Ao contrastar diferentes ocorrências, uma oriunda do córpus de estudo e a outra do córpus de referência, temos a possibilidade de inferir se a palavra em questão é um candidato a termo genuíno ou não, ou seja, se sua acepção assume contornos distintos do usual, e passa a conter uma carga semântica particular em um campo semântico específico. Esse segundo acervo é:

[...] geralmente uma coletânea maior de textos de uma abrangência de gêneros mais ampla e/ou de recursos. Essa base de dados maior é geralmente chamada de córpus de referência. [...] O termo ‘córpus de referência’ também pode ser usado para descrever qualquer córpus que [...]

não seja uma amostra de qualquer variedade particular, domínio ou tipo textual, mas é em vez disso uma tentativa de representar a natureza geral da língua através do desenho de um *córpus* com ampla amostragem.<sup>15</sup>

Conforme orienta a literatura consagrada da área orientada, o *córpus* que serve de termo de comparação para o *córpus* de estudo, deve, em geral, ser o dobro, o triplo ou o quádruplo da sua extensão. Sardinha (1999) comprovou através de fórmulas estatísticas que corpora de referência maiores tendem a produzir mais palavras-chave, porém não progressivamente, ou seja, ao aumentar o *córpus* de referência não significará em um aumento do número de palavras-chave.

E, dando continuidade à sua pesquisa, o autor encontrou os valores críticos mostrados acima, que significam que corpora de referência 2, 3 ou 5 vezes maiores que o *córpus* de estudo retornavam mais palavras-chave do que tamanhos menores e/ou maiores. Como valor crítico encontrou que 5 vezes o *córpus* de estudo é o mais adequado para a pesquisa baseada em corpora comparados. Por isso, Sardinha (1999, p. 16) afirma que: “um pesquisador não necessita, necessariamente, coletar ou procurar um *córpus* de referência maior do que esse valor, pois a quantidade de palavras-chave a serem obtidas seria igualável a quantidades obtidas com corpora maiores.”.

Logo, o *córpus* de referência foi buscado em uma quantidade maior do que cinco vezes o *córpus* de estudo, sendo o suficiente para a análise em questão. Para processar esses dados computadorizados, escolhemos o software *WordSmith Tools* para a tarefa. Esse programa tornou-se uma ferramenta tradicional na pesquisa com corpora e se mostra até hoje altamente eficiente na pesquisa em LC. Ele disponibiliza três funcionalidades principais, *WordList*, *KeyWords* e *Concord*.

De ambos os corpora, devemos extrair a chamada lista de frequência de palavras, a qual é:

Uma lista de todas as palavras que aparecem em um texto ou **córpus**, geralmente usadas na criação de um dicionário. Listas de palavras geralmente dão as frequências de cada palavra (ou **token**) no *córpus*. As palavras são na maioria das vezes ordenadas alfabeticamente, ou em

---

<sup>15</sup> “[...] often a larger set of texts drawn from a wider range of genres and/or sources. This larger dataset is often called a reference corpus. [...] The term ‘reference corpus’ may also be used to describe any corpus that [...] is not a sample of any particular language variety, domain or text type, but is instead an attempt to represent the general nature of the language through a wide-sampling corpus design.” (BAKER; MCENERY, 2006, p.137, tradução nossa).

valores de **frequência**, tanto com a frequência bruta ou com a porcentagem que a palavra tem no texto de forma geral.<sup>16</sup>

A lista de palavras por ordem alfabética pode ser analisada por ordem reversa, ou seja, a partir do final da palavra, o que é muito conveniente para o estudo de sufixos. Já a lista de palavras por ordem de frequência as apresenta de acordo com o seu número de aparições nos textos, seja em ordem decrescente ou crescente de valor.

A primeira funcionalidade gera listas de palavras de um *cópus* inserido nele; a segunda compara listas de palavras de um *cópus* de estudo com um *cópus* de referência, a fim de extrair as palavras-chave, ou seja, aquelas cuja frequência mais destoa em relação às suas frequências em cada *cópus* separadamente; a terceira produz as concordâncias ou listagens de ocorrências de um item específico em seu contexto.

Trataremos, a seguir, dos passos metodológicos de nosso estudo, tendo como base a tríade Terminologia, a Terminografia e a LC.

---

<sup>16</sup> “A list of all of the words that appear in a text or **corpus**, often useful for dictionary creation. Word lists often give the frequencies of each word (or **token**) in the corpus. Words are most usually ordered alphabetically, or in terms of **frequency**, either with a raw frequency count and/or the percentage that the word contributes towards the whole text.” (BAKER; MCENERY, 2006, p.169, tradução nossa).

## 5 METODOLOGIA

Os passos metodológicos utilizados para nossa pesquisa tiveram como base os seguintes conceitos teórico-metodológicos: a TCT, que entende o termo ou unidade terminológica como poliédrica, respeitando sua função no contexto sócio-discursivo onde está inserido, e preocupando-se com as necessidades do usuário final; a Terminografia, que nos ofereceu subsídios aplicados para a construção de produtos terminográficos e a LC, que proporcionou o tratamento informatizado dos dados a serem explorados, uma vez que a extração automática de dados advindos de um *cópus* linguístico é tarefa fundamental para a elaboração de materiais de referência e de análise científica baseada em corpora.

O nosso *cópus* de pesquisa (doravante TermCorp) é composto por artigos acadêmicos sobre Terminologia disponibilizados nos repositórios LUME e Termisul, ambos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e no CITRAT, na Universidade de São Paulo. Devido ao caráter limitado desse estudo, foram coletados 12 artigos acadêmicos, totalizando a quantia de 34.121 *word tokens*<sup>17</sup>. Para o processamento, gerenciamento e análise computadorizada dos dados linguísticos do TermCorp, utilizamos o *software WordSmith Tools*.

Com o propósito de tornar mais claro e eficiente a metodologia, dividimos o processo em duas etapas gerais: a Etapa I e a Etapa II, cada qual com seus respectivos desdobramentos.

A **Etapa I** é concernente à recolha dos textos nos repositórios supracitados e ao processamento do *cópus*, obedecendo os critérios estabelecidos na seção 4.1 deste trabalho. Após essa fase de recolha, separamos os textos originalmente coletados em *portable document format* (pdf.), e os convertemos em *text file* (txt.): “[...] o que significa que contêm somente caracteres do teclado (letras, números e símbolos ortográficos), sem códigos de formatação específicos para certos programas (como o Microsoft Word).” (SARDINHA, 2004, p.51). Essa extensão é necessária, pois o *WordSmith Tools* trabalha inicialmente com arquivos editados em bloco de notas, para, posteriormente, editá-los em suas próprias extensões.

---

<sup>17</sup> Qualquer unidade linguística separada por um espaço na cadeia textual.

No entanto, antes de inserirmos os textos já nesse formato, precisamos limpá-los. Essa fase refere-se à retirada de qualquer elemento que não seja linguístico e constituinte da cadeia textual, ou seja, foram retirados os títulos, subtítulos, cabeçalhos e rodapés, tabelas, figuras, paginação, informações sobre o autor e instituições, resumos e palavras em língua estrangeira, os denominados ruídos, que podem interferir no processamento e nos resultados obtidos pelo *WordSmith Tools*.

Tendo os textos limpos em mãos, realizamos o processamento dos termos, a fim de extrair a lista de palavras mais frequentes (*word list*) do cópús de estudo. Da mesma forma, fizemos uso de um cópús de referência, de maior abrangência em termos de gêneros textuais e números de palavras, para compará-los com o de estudo e obtermos um grau maior de confiabilidade na escolha dos termos mais relevantes com compuseram nosso fichário terminológico.

Para tanto, utilizamos o cópús do Projeto Lácio-Web<sup>18</sup>, o qual é um projeto iniciado em janeiro de 2002, com parceria entre o NILC (Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional), localizado no ICMC-USP, IME (Instituto de Matemática e Estatística) e a FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas).

É um cópús de acesso livre composto por textos em português brasileiro, tendo como característica principal a modalidade culta da língua. Nele, o usuário pode acessar a: a) vários corpora do português brasileiro escrito contemporâneo, representando bancos de textos adequadamente compilados, catalogados e codificados em um padrão que possibilite fácil intercâmbio, navegação e análise; e b) ferramentas linguístico-computacionais, tais como contadores de frequência, concordanciadores e etiquetadores morfossintáticos. O público-alvo do LW é heterogêneo: de um lado linguistas, cientistas da computação, lexicógrafos, e de outro, não especialistas em geral. Formado por seis corpora – Lácio-Ref, Lácio-Dev, Par-C, Comp-C, Mac-Morpho e Lácio-Sint (porção do Lácio-Ref etiquetada automaticamente) –, selecionamos o material referente ao Lácio-Ref.

A grande maioria dos textos está disponibilizada na íntegra. Tivemos acesso aos 6.241 textos, divididos em oito subcorpora de acordo com a temática (textos sobre ciências agrárias, biológicas, exatas, generalidades, humanas, religião

---

<sup>18</sup> Disponível em: <http://www.nilc.icmc.usp.br/lacioweb/index.htm>. Acesso em: 11 out.2014.



e pensamento, saúde e sociais). Sendo o TermCorp constituído de 34.121 *word tokens*, a quantia oferecida pelo Lácio-Ref foi suficiente em termos de comparação para suprir a meta desta pesquisa.

A **Etapa II** constituiu-se fundamentalmente no preenchimento e revisão das fichas terminológicas, a fim de detectar possíveis problemas e resolvê-los, seguindo as normas que envolvem a produção de dicionários ou vocabulários especializados, para, por último, coletar as informações desejadas e organizá-las na microestrutura dos verbetes.

## 5.1 ETAPA I - ELABORAÇÃO DO CORPUS DE ESTUDO

### 5.1.2 Critérios para Extração dos Termos

Essa etapa pode ser desmembrada em cinco fases. A maioria concernente à análise quantitativa dos resultados obtidos após o processamento dos corpúscos no WST, com exceção da última fase, de caráter qualitativo. Seguem, abaixo, os passos:

a) Utilizamos a funcionalidade *WordList* do WST para gerar as listas referentes ao corpúscos de estudo e ao corpúscos de referência.

b) Comparamos as duas listas, utilizando a funcionalidade *KeyWords*, a qual nos deu as quinhentas palavras-chave com maior grau de chavidade (quantidade *default* utilizada pelo *software*), ou seja, aquelas cujas frequências são mais dissonantes entre o TermCorp e o Lácio-Ref. Abaixo, temos a tela inicial do WST, que mostra as principais funcionalidades do *software* utilizadas na pesquisa.

Figura 04 – Tela inicial do *WordSmith Tools*



Fonte: *WordSmith Tools* (2014).

É válido fazer distinção entre palavras-chave positivas e negativas. Aquelas cujas frequências são estatisticamente maiores no *córpus* de estudo do que no *córpus* de referência são chamadas de positivas; aquelas cujas frequências são estatisticamente menores no *córpus* de estudo do que no de referência são chamadas de negativas. (SARDINHA, 2006)

c) Fizemos a seguinte triagem:

- Das quinhentas palavras-chave encontradas pelo WST, selecionamos as cem palavras-chave com o maior grau de chavicidade (a tabela completa se encontra em apêndice ao trabalho);
- Das cem palavras-chaves com maior chavicidade, selecionamos somente os substantivos não marcados, ou seja, as formas que foram encontradas no singular, fossem masculinas ou femininas, excluindo assim, substantivos próprios, adjetivos, verbos, preposições, advérbios e palavras em língua estrangeira. A decisão por expressões nominais tão somente é recorrente na produção de glossários e dicionários segundo Krieger e Finatto (2004, p.129)<sup>19</sup>.
- Desse exame, foi gerada uma lista com 48 palavras, da qual retiramos todas aquelas palavras com frequência menor ou igual a 20 *tokens*, dando-nos uma nova lista de 37 palavras.
- Dessa última listagem, em uma análise qualitativa, retiramos os dez termos mais relevantes para a área, segundo pesquisa bibliográfica realizada anteriormente na fundamentação teórica da monografia.

Os passos realizados até aqui foram estabelecidos a fim de se evitar basear a metodologia de trabalho de extração de dados em uma análise apenas de caráter qualitativo. Ao escolher uma abordagem quantitativa inicialmente, estávamos evitando erros de julgamento, uma vez que, conforme os dados se apresentavam, uma seleção criteriosa deveria tomar lugar, para que essa metodologia se tornasse replicável e não fundada em idiosincrasias.

Almejávamos que o *córpus* de estudo fosse o suficiente para nos mostrar dados relevantes ao nosso escopo de maneira que pudéssemos observar um comportamento diferenciado para os candidatos a termos, estatisticamente falando,

---

<sup>19</sup> No entanto, fica a ressalva dada pelas autoras sobre as expressões nominais: “Embora sua função mais comum seja a denominação, isto é, chamar por um nome o objeto de uma realidade (Lérat, 1995, p.20), é preciso compreender que não só de substantivos é feito o todo de uma terminologia.”

para só, então, configurarem como verbetes. Decidimos escolher uma análise qualitativa no momento posterior e final, pois queríamos mostrar conceitos mais propensos a serem encontrados por alunos, embora, todas as ocorrências pudessem ser candidatos a termos, como foi dito na seção 2.2. Sendo assim, dessa avaliação qualitativa, selecionamos os dez termos abaixo, dispostos por grau decrescente de chavicidade:

Tabela 01 – Lista final das 10 palavras-chave selecionadas<sup>20</sup>

<i>Rank</i>	<i>Key Word</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>	<i>RC. Freq.</i>	<i>RC. %</i>	<i>Keyness</i>
4	Terminologia	127	0.37	173		959,28
13	Termo	118	0.35	1,010	0,01	522,96
18	Indexação	42	0.12	0		451,81
22	Glossário	36	0.11	0		387,26
27	Dicionário	32	0.09	0		344,22
33	Temática	31	0.09	4		308,63
39	Vocabulário	27	0.08	0		290,43
47	Léxico	28	0.08	9		260,22
65	Tesouro	21	0.06	2		212,32
88	Unidade	63	0.18	1,393	0,02	171,70

Fonte: Rollsing (2014).

Podemos observar, na tabela acima, que há três palavras-chave negativas: “unidade”, “termo” e “Terminologia” (em ordem decrescente de frequência). O restante são palavras-chave positivas. É interessante analisar que as ocorrências de palavras-chaves negativas, nesse caso, podem ser relacionadas com seu grau vocabular, ou seja, estão mais propensas a serem vocábulos da língua geral, do que a serem termos de uma linguagem especializada. Contudo, isso não as descaracteriza como candidatas a termo.

Além disso, como também se pode notar, na coluna *RC.%*, a qual se refere à porcentagem representativa da palavra no córpus de referência, existem campos em branco, ou seja, essas palavras são mais representativas no TermCorp, pois para cada valor menor 0,01 no Lácio-Ref, sempre temos um valor maior no córpus de estudo.

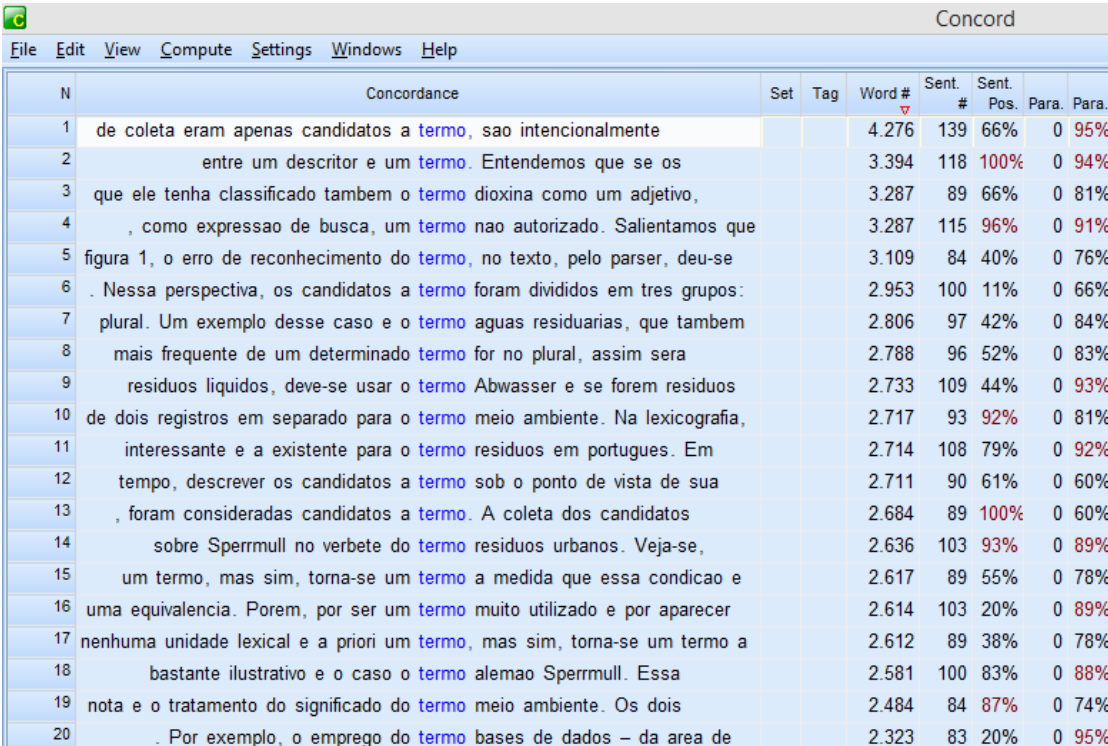
<sup>20</sup> Como padrão, o WST não exibe valores para palavras-chave que estejam abaixo de 0,01% do córpus de referência.

## 5.2 ETAPA II – EDIÇÃO DAS FICHAS TERMINOLÓGICAS E CRIAÇÃO DOS VERBETES

Cada um dos verbetes encontrados no TermCorp passou a ser analisado em uma ficha, como previsto. Na **Etapa II**, concluímos o trabalho com o preenchimento das fichas terminológicas e dos verbetes. Nessa seção, as fichas terminológicas são apresentadas, contendo os campos supracitados, e logo abaixo, o verbeito estruturado para figurar em uma obra terminográfica, futuramente, se cabível. Nessa etapa, utilizamos a funcionalidade *Concord* do WST.

O concordanciador extraiu as ocorrências da palavra de busca no TermCorp juntamente com seu cotexto (palavras que seguem imediatamente a palavra de busca, tanto para direita quanto para a esquerda, possibilitando antever certos padrões entre as ocorrências), apresentando-a na forma de uma concordância. A partir das ocorrências da palavra de busca junto com seu cotexto, abrimos cada aparição da palavra para verificar seu contexto, para então, copiá-lo no campo “Contexto”. Abaixo, temos um exemplo de busca no Concord para a palavra “termo”, onde podemos vê-la em posição de destaque no centro, juntamente com seu cotexto imediato:

Figura 05 – Tela de resultados do *Concord*



The screenshot shows the Concord software interface with a menu bar (File, Edit, View, Compute, Settings, Windows, Help) and a table of search results. The table has columns for N, Concordance, Set, Tag, Word #, Sent. #, Sent. Pos., Para., and Para. The results list 20 occurrences of the word 'termo' in various contexts, with associated statistics for each.

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sent. #	Sent. Pos.	Para.	Para.
1	de coleta eram apenas candidatos a termo, sao intencionalmente			4.276	139	66%	0	95%
2	entre um descritor e um termo. Entendemos que se os			3.394	118	100%	0	94%
3	que ele tenha classificado tambem o termo dioxina como um adjetivo,			3.287	89	66%	0	81%
4	, como expressao de busca, um termo nao autorizado. Salientamos que			3.287	115	96%	0	91%
5	figura 1, o erro de reconhecimento do termo, no texto, pelo parser, deu-se			3.109	84	40%	0	76%
6	. Nessa perspectiva, os candidatos a termo foram divididos em tres grupos:			2.953	100	11%	0	66%
7	plural. Um exemplo desse caso e o termo aguas residuarias, que tambem			2.806	97	42%	0	84%
8	mais frequente de um determinado termo for no plural, assim sera			2.788	96	52%	0	83%
9	residuos liquidos, deve-se usar o termo Abwasser e se forem residuos			2.733	109	44%	0	93%
10	de dois registros em separado para o termo meio ambiente. Na lexicografia,			2.717	93	92%	0	81%
11	interessante e a existente para o termo residuos em portugues. Em			2.714	108	79%	0	92%
12	tempo, descrever os candidatos a termo sob o ponto de vista de sua			2.711	90	61%	0	60%
13	, foram consideradas candidatos a termo. A coleta dos candidatos			2.684	89	100%	0	60%
14	sobre Sperrmull no verbeito do termo residuos urbanos. Veja-se,			2.636	103	93%	0	89%
15	um termo, mas sim, torna-se um termo a medida que essa condicao e			2.617	89	55%	0	78%
16	uma equivalencia. Porem, por ser um termo muito utilizado e por aparecer			2.614	103	20%	0	89%
17	nenhuma unidade lexical e a priori um termo, mas sim, torna-se um termo a			2.612	89	38%	0	78%
18	bastante ilustrativo e o caso o termo alemao Sperrmull. Essa			2.581	100	83%	0	88%
19	nota e o tratamento do significado do termo meio ambiente. Os dois			2.484	84	87%	0	74%
20	. Por exemplo, o emprego do termo bases de dados - da area de			2.323	83	20%	0	95%

Fonte: *WordSmith Tools* (2014).

O campo “Ver também” foi preenchido com possíveis relações que a entrada apresentou na exploração do *cópus*. Para fazer essa tarefa, utilizamos a funcionalidade *Concord* a fim de encontrarmos os “*clusters*” (seqüências de palavras, também chamadas de “*lexical bundles*”) mais comuns com o termo a ser descrito.

A seguir, no capítulo 6, apresentamos as dez fichas terminológicas já preenchidas, e após cada uma, os verbetes com informações oriundas das fichas. No entanto, neste trabalho, o verbete serve tão somente para visualizarmos uma possibilidade de apresentação do texto banalizado como um enunciado terminográfico para consulta por estudantes. Nosso foco são as fichas terminológicas, e assim como a ficha obedece às necessidades do terminólogo para ser alinhavada e preenchida, o verbete segue paradigmas mínimos e possíveis para sua criação. As fichas forneceram os dados a serem inclusos no verbete e, conforme alerta Barbosa (1990, p.231 apud BARROS, 2004, p.157-158):

Segundo as necessidades impostas pela natureza da obra, suas funções e o público-alvo, outros tipos de dados podem ser ainda introduzidos no interior dos macroparadigmas, desde que sejam constantes em todos os verbetes: índices de frequência; nível de rapidez de difusão de uma palavra; emprego preferencial por um autor; relações de significação como sinonímia, antonímia, homonímia, analogias, ilustrações etc.

Logo, construímos o verbete com as informações arroladas nas fichas. De maneira constante em todos, selecionamos aquelas que serviriam como a) paradigma informacional (dados sobre a categoria gramatical, gênero e número), b) paradigma definicional (dados referentes ao conteúdo semântico-conceitual da unidade terminológica) e c) paradigma pragmático (dados de uso da entrada).

É válido mencionar que, por questões de autoridade no assunto, não nos é permitido elaborarmos as definições propriamente ditas, evocando tão somente nossa experiência em Terminologia. Por isso, recorreremos a excertos de textos de autores renomados da área para figurarem como definição. Procuramos por trechos, tanto no TermCorp, quanto na bibliografia, de referências da área e que fossem mais próximos da realidade discente.

Tentamos, nesse momento, encontrar textos que fossem de caráter pedagógico, tendo em mente que a linguagem banalizada é uma forma de se reescrever o texto já escrito, adequando-o ao público usuário de um produto. Aqueles textos cuja complexidade lexical se mostraria como um caminho árduo ao

leitor iniciante, não foram selecionados, pois fugiriam da proposta e objetivos da nossa pesquisa.

Há campos que estão em branco nas fichas, por não termos tido acesso aos dados ou por serem inexistentes, fator que pode influenciar na construção do dicionário em sua forma final. O comprometimento seria no sentido de não haver informações para os itens selecionados, o que não necessariamente seja um fator negativo. O grupo de especialistas (terminólogos, linguistas, terminógrafos) de construção do produto poderá usufruir do item “Comentários/Observações” (não utilizado em nosso modelo), para esclarecer pontos não explicitados nos outros itens da ficha. E, por fim, também apresentamos a entrada terminográfica separada silabicamente, juntamente com a sua indicação de sílaba tônica.

## 6 FICHAS TERMINOLÓGICAS E SEUS VERBETES

Quadro 01 – Ficha terminológica 01 e respectivo verbete

<b>Entrada:</b> TERMINOLOGIA	
<b>Nº de ocorrências:</b> 127 hits / 0,37% do TermCorp 173 hits / menor do que 0,01% do Lácio-Ref	
<b>Área:</b> Terminologia.	<b>Inf. gramatical:</b> sub. fem.; grafado com “T” maiúsculo designa a área de estudo, “t” designa qualquer vocabulário especializado de alguma técnica ou área do saber; pl.(s).
<p><b>Definição:</b>  “O estudo das linguagens da técnica e da ciência é, entre nós brasileiros, relativamente novo. Entretanto, de certo modo, podemos dizer que já experimentou desenvolvimento na década de 80, quando tinham muito destaque, no panorama dos estudos linguísticos, as pesquisas de línguas estrangeiras instrumentais, que investigavam, com fins didáticos e pedagógicos, as peculiaridades do inglês usado na ciência e na tecnologia. Há mais ou menos de dez anos, a Terminologia, uma nova disciplina e área de estudos, entendida aqui simplesmente como estudo das linguagens e termos técnico-científicos, foi introduzida no panorama da pesquisa acadêmica da área de Letras. A introdução deveu-se a professores brasileiros, de formação linguística, que haviam estado em contato com os estudos terminológicos do Canadá, principalmente na província de Quebec, selecionados pelo programa de bolsas da Associação Brasileira de Estudos Canadenses.”</p> <p style="text-align: right;">Fonte: FINATTO, p.1.</p> <p>“O referencial teórico-metodológico para o reconhecimento dessa estrutura de conceitos e de termos foi tomado de duas vertentes de Terminologia. Da Escola de Clássica de Terminologia, de perspectiva padronizadora, que privilegia termos normatizados e preceitua a elaboração de mapas conceituais para fundamentar a elaboração de glossários e outros repertórios, e também da Escola Canadense de Terminologia, a qual adota uma postura sócio-variacionista e francamente descritiva de usos.”</p> <p style="text-align: right;">Fonte: ZILIO; FICHTNER; FINATTO, p.1.</p>	
<p><b>Contexto:</b>  “Podemos verificar a estreita relação entre este instrumento de controle de vocabulário e a Terminologia, ambos tratam de conceitos de uma área especializada e buscam uma linguagem comum entre os especialistas, como fator facilitador da comunicação de novos conhecimentos.”</p> <p style="text-align: right;">Fonte: LAAN; FERREIRA, p.5.</p>	
<b>Sinonímia:</b> Lexicologia Especializada	<b>Antonímia:</b> Lexicologia
<b>Ver também:</b> Terminologia Clássica; Terminologia Textual; Terminologia Aplicada; Teoria Geral da Terminologia; Teoria Comunicativa da Terminologia.	

**Ter.mi.no.lo.gi.a(s)**, s.f. “[...] estudo das linguagens e termos técnico-científicos.” **Ex:** “Podemos verificar a estreita relação entre este instrumento de controle de vocabulário e a Terminologia, ambos tratam de conceitos de uma área especializada e buscam uma linguagem comum entre os especialistas [...]” **Sin.:** *Lexicologia Especializada*. **Ver:** Terminologia Clássica; Terminologia Textual; Terminologia Aplicada; Teoria Geral da Terminologia; Teoria Comunicativa da Terminologia.



## Quadro 02 – Ficha terminológica 02 e respectivo verbete

<b>Entrada:</b> TERMO	
<b>Nº de ocorrências:</b> 118 hits / 0,37% do TermCorp 1,010 hits / 0,01% do Lácio-Ref	
<b>Área:</b> Terminologia.	<b>Inf. gramatical:</b> sub. mas.; pl. (s).
<b>Definição:</b> “O termo é o objeto de estudo da Terminologia.” Fonte: LAAN; FERREIRA, p.2.  “[...] um termo é uma unidade com características linguísticas, utilizada em um domínio de especialidade, caracterizando-se, assim, por sua dupla funcionalidade: a de representação e a de transmissão de conhecimentos especializados.” Fonte: LAAN, p.8.  “[...] o termo é uma unidade de conhecimento de um domínio de especialidade; é uma unidade de comunicação e divulgação do conhecimento científico; e, é uma unidade lexical. Do ponto de vista linguístico, os termos são parte do léxico geral e, portanto, pertencem a gramática do falante. Esse falante possui uma competência geral e também poderá ter uma especializada. Os termos pertencem a competência especializada desse falante, posto que se incorporam ao seu léxico através da aquisição de um conhecimento especializado. (CABRE, 1993)” Fonte: LAAN, p. 9)	
<b>Contexto:</b> “Princípio de que um termo é poliédrico, ou seja, tem uma dimensão linguística, uma cognitiva e uma social [...].” Fonte: LAAN, p.6.  “O desenvolvimento científico e tecnológico tem provocado o surgimento de novas áreas do conhecimento e, conseqüentemente, de novos termos relacionados a essas áreas.” Fonte: LAAN, p.9.	
<b>Sinonímia:</b> candidato a termo, unidade lexical especializada.	<b>Antonímia:</b> lexema; vocábulo; unidade lexical;
<b>Ver também:</b> poliedricidade do termo; função termo; estatuto (status) de termo; univocidade do termo.	

**Ter.mo(s)**, *s.m.* “[...] unidade com características linguísticas, utilizada em um domínio de especialidade, caracterizando-se, assim, por sua dupla funcionalidade: a de representação e a de transmissão de conhecimentos especializados: **Ex:** “Princípio de que um termo e poliédrico, ou seja, tem uma dimensão linguística, uma cognitiva e uma social [...].” **Sin.:** candidato a termo, unidade lexical especializada. **Ant.:** lexema; vocábulo; unidade lexical; **Ver:** poliedricidade do termo; função termo; estatuto (status) de termo; univocidade do termo.

Autor: Rollsing (2014).

Quadro 03 – Ficha terminológica 03 e respectivo verbete

<b>Entrada:</b> INDEXAÇÃO	
<b>Nº de ocorrências:</b> 42 hits / 0,12% do TermCorp - Nenhuma ocorrência no Lácio-Ref -	
<b>Área:</b> Terminologia.	<b>Inf. gramatical:</b> sub. fem.; pl. (ões); geralmente utilizada como sintagma adjetival: [...] de <i>indexação</i> .
<p><b>Definição:</b>  “Em indexação trabalhamos com os conceitos expressos nos documentos pelos autores. Apesar de indexarmos palavras, estas têm que serem entendidas como rótulos que podem ser expressos de várias formas. O indexador está trabalhando com uma rede conceitual de uma área específica do conhecimento. A compreensão do que é conceito e de suas relações irá facilitar o trabalho de indexação, que não mais será feito por palavras, mas sim por termos representativos daqueles conceitos.”  Fonte: FERREIRA; LAAN, p.2.</p> <p>[...] unidades indexadoras podem ser definidas como signos linguísticos que representam a informação para viabilizar a comunicação entre o usuário e o conteúdo dos documentos.”  Fonte: EZEQUIEL; LAAN, p.2.</p>	
<p><b>Contexto:</b>  “Quanto ao processo de indexação, nesses casos de existência de variação concorrente, se repetem os problemas já mencionados. A percepção dessas variações pelo agente indexador, o uso de um vocabulário controlado e a estruturação de uma bem elaborada rede de remissivas pode minimizar o ruído e o silêncio no momento da recuperação da informação.”  Fonte: EZEQUIEL; LAAN, p.13.</p>	
<b>Sinonímia:</b> processos de indexação, representação da informação e representação da informação documentaria.	<b>Antonímia:</b>
<b>Ver também:</b> instrumentos de indexação; unidades de indexação.	

**In.de.xa.ção**(ões), *s.f.* “Em indexação trabalhamos com os conceitos expressos nos documentos pelos autores. Apesar de indexarmos palavras, estas têm que serem entendidas como rótulos que podem ser expressos de várias formas.” **Ex:** “Quanto ao processo de indexação, nesses casos de existência de variação concorrente, se repetem os problemas já mencionados. A percepção dessas variações pelo agente indexador, o uso de um vocabulário controlado e a estruturação de uma bem elaborada rede de remissivas pode minimizar o ruído e o silêncio no momento da recuperação da informação.” **Sin.:** processos de indexação, representação da informação e representação da informação documentaria. **Ver:** instrumentos de indexação; unidades de indexação.

Autor: Rollsing (2014).

## Quadro 04 – Ficha terminológica 04 e respectivo verbete

<b>Entrada:</b> GLOSSÁRIO	
<b>Nº de ocorrências:</b> 36 hits / 0,11% do TermCorp - Nenhuma ocorrência no Lácio-Ref -	
<b>Área:</b> Terminografia.	<b>Inf. gramatical:</b> sub. mas.; pl. (s).
<b>Definição:</b> “O glossário situa-se, enfim, no nível da fala, reunindo as palavras-ocorrência de um texto específico.” Fonte: BARBOSA apud BARROS, p. 136. “[...] uma obra que “define ou explica termos antigos, raros ou pouco conhecidos” (Boutin-Quesnel, 1985, p.29).” Fonte: OFFICE DE LA LANGUE FRANÇAISE apud BARROS, p. 136. “Sua principal característica é não apresentar definições, mas tão somente uma lista de unidades lexicais ou terminológicas acompanhadas de seus equivalentes em outras línguas.” Fonte: BARROS, p. 144.	
<b>Contexto:</b> “Essa linguagem técnica ou científica, segundo nossa ótica, não corresponde a uma língua a parte da língua cotidiana, mas perfaz um uso seu que a torna peculiar, especializada, em uma dada situação de comunicação. O reconhecimento dessa linguagem, procedido segundo determinados princípios e critérios, gerará o dicionário ou glossário, grosso modo percebido apenas como uma lista de termos.” Fonte: BEVILACQUA; FINATTO, p.48.	
<b>Sinonímia:</b> dicionário bilíngue, dicionário multilíngue.	<b>Antonímia:</b>
<b>Ver também:</b> glossário de termos; glossário para aprendizes; glossário bilíngue;	

**Glos.sá.ri.o(s)**, *s.m.* “Sua principal característica é não apresentar definições, mas tão somente uma lista de unidades lexicais ou terminológicas acompanhadas de seus equivalentes em outras línguas.” “O glossário situa-se, enfim, no nível da fala, reunindo as palavras-ocorrência de um texto específico.” **Ex:** “O reconhecimento dessa linguagem, procedido segundo determinados princípios e critérios, gerará o dicionário ou glossário, grosso modo percebido apenas como uma lista de termos.” **Sin.:** dicionário bilíngue, dicionário multilíngue. **Ver:** glossário de termos; glossário para aprendizes; glossário bilíngue;

Autor: Rollsing (2014).

Quadro 05 – Ficha terminológica 05 e respectivo verbete

<b>Entrada:</b> DICIONÁRIO	
<b>Nº de ocorrências:</b> 32 hits / 0,09% do TermCorp - Nenhuma ocorrência no Lácio-Ref -	
<b>Área:</b> Lexicografia; Terminografia.	<b>Inf. gramatical:</b> sub. mas.; pl. (s).
<b>Definição:</b> “[...] arrola uma grande quantidade de unidades lexicais ou fraseológicas de uma língua, registrando, também, as diferentes acepções que a palavra pode ter nos inúmeros universos de discurso. [...]. O dicionário apresenta, obrigatoriamente, definições, mas não dados enciclopédicos.” Fonte: BARROS, p. 144.  “[...] b) o dicionário é uma obra de consulta, cujo programa de informação é constante e organizado em uma dada ordem; [...] d) o dicionário possui um caráter didático; e) o enunciado lexicográfico transmite informações sobre o signo-entrada; Fonte: REY-DEBOVE apud BARROS, p.134-135.  “ <b>6.2.1. dicionário:</b> Repertório estruturado de unidades lexicais contendo informações linguísticas sobre cada uma dessas unidades (ISSO, 1990, p.10). <b>6.2.1.1 dicionário terminológico:</b> (termo tolerado: dicionário técnico): Dicionário (6.2.1) que compreende dados terminológicos (6.1.5.) relativos a uma ou várias áreas (2.2) ( <i>ide, ibidem</i> ). Fonte: ISO 1087 apud BARROS, p. 140.  “Dicionário é, portanto, para a ISO, o termo genérico que recobre toda obra lexicográfica ou terminográfica [...]. O dicionário terminológico, por sua vez, é um tipo de dicionário que reúne as unidades terminológicas de um ou vários domínios.” Fonte: ISO 1087 apud BARROS, p. 140.	
<b>Contexto:</b> “No processo de elaboração de um dicionário terminológico, muito antes de ser finalizada a lista de verbetes e revisadas as respectivas definições, o terminólogo vivencia um processo geral de planejamentos: desenho da macroestrutura geral, da microestrutura, seleção da nomenclatura etc.” Fonte: BEVILACQUA; FINATTO, p.43.	
<b>Sinonímia:</b> dicionário de língua.	<b>Antonímia:</b>
<b>Ver também:</b> dicionário eletrônico; monolíngue, bilíngue, multilíngue; dicionário terminológico;	

**Di.ci.o.ná.ri.o(s)**, *s.m.* Produto terminográfico que: “arrola uma grande quantidade de unidades lexicais ou fraseológicas de uma língua, registrando, também, as diferentes acepções que a palavra pode ter nos inúmeros universos de discurso. [...]. O dicionário apresenta, obrigatoriamente, definições, mas não dados enciclopédicos.” **Ex:** “No processo de elaboração de um dicionário terminológico, muito antes de ser finalizada a lista de verbetes e revisadas as respectivas definições, o terminólogo vivencia um processo geral de planejamentos [...].” **Sin.:** dicionário de língua. **Ver:** dicionário eletrônico; monolíngue, bilíngue, multilíngue; dicionário terminológico;

Autor: Rollsing (2014).

## Quadro 06 – Ficha terminológica 06 e respectivo verbete

<b>Entrada:</b> TEMÁTICA	
<b>Nº de ocorrências:</b> 31 hits / 0,095 do TermCorp 4 hits / menor do que 0,01% do Lácio-Ref	
<b>Área:</b> Terminologia	<b>Inf. gramatical:</b> sub. fem.; pl. (s).
<b>Definição:</b> “A temática relaciona-se com as áreas de atividade e do conhecimento, objeto de um aprendizado também especializado (CABRE, 1993,2002). Os usuários, na condição de produtores, são os especialistas, detentores do conhecimento especializado; na condição de receptores, podem ser os especialistas, os aprendizes ou o público em geral (CABRE, 2002).” Fonte: SZABO, p.52.	
<b>Contexto:</b> “O terceiro segmento, subcorpus C, se compõe de 22 textos jornalísticos (200.000 palavras), coletados na Internet a partir de sites ambientalistas e de sites de jornais dedicados à temática ambiental.” Fonte: MACIEL, p.5.	
<b>Sinonímia:</b> área de representação temática, representação temática, área temática.	<b>Antonímia:</b>
<b>Ver também:</b> para a visualização de obras terminográficas produzidas pelo grupo Termisul em diferentes temáticas, acesse: <a href="http://www.ufrgs.br/termisul/publicacoes/publicacoes.php">http://www.ufrgs.br/termisul/publicacoes/publicacoes.php</a>	

**Te.má.ti.ca(s)**, *s.f.* “A temática relaciona-se com as áreas de atividade e do conhecimento, objeto de um aprendizado também especializado (CABRE, 1993,2002). Os usuários, na condição de produtores, são os especialistas, detentores do conhecimento especializado; na condição de receptores, podem ser os especialistas, os aprendizes ou o público em geral (CABRE, 2002).” **Ex:** “A temática relaciona-se com as áreas de atividade e do conhecimento, objeto de um aprendizado também especializado (CABRE, 1993,2002).” **Sin.:** área de representação temática, representação temática, área temática. **Ver:** consultar algumas obras terminográficas produzidas pelo grupo Termisul em diferentes temáticas: <http://www.ufrgs.br/termisul/publicacoes/publicacoes.php>

Autor: Rollsing (2014).

## Quadro 07 – Ficha terminológica 07 e respectivo verbete

<b>Entrada:</b> VOCABULÁRIO	
<b>Nº de ocorrências:</b> 27 hits / 0,08% do TermCorp - Nenhuma ocorrência no Lácio-Ref -	
<b>Área:</b> Terminografia	<b>Inf. gramatical:</b> sub. mas.; pl. (s).
<b>Definição:</b> <p><b>“6.2.1.1.1. vocabulário:</b> Dicionário terminológico (6.2.1.1.) baseado em um trabalho terminológico (8.2) que apresenta a terminologia (5.1) de um domínio (2.2) particular ou de domínios (2.2) associados (<i>idem, ibidem</i>).”</p> <p style="text-align: right;">Fonte: ISO 1087 apud BARROS, p. 140.</p> <p>“Dicionário é, portanto, para a ISO, o termo genérico que recobre toda obra lexicográfica ou terminográfica [...]. O dicionário terminológico, por sua vez, é um tipo de dicionário que reúne as unidades terminológicas de um ou vários domínios. O vocabulário é um tipo de dicionário terminológico e ambos reúnem unidades linguísticas pertencentes a uma ou mais línguas de especialidade. A distinção entre os mesmos se dá, porém, pelo fato de que o vocabulário se organiza com base em um trabalho terminológico e o dicionário terminológico não. Por trabalho terminológico entende-se “atividade relativa à sistematização e à representação dos conceitos, assim como a apresentação das terminologias, de acordo com princípios e métodos estabelecidos” (ISO 1087, 1990, p.13). Pode-se, assim, concluir que o vocabulário se constrói com base na estruturação sistemática dos conceitos.”</p> <p style="text-align: right;">Fonte: ISO 1087 apud BARROS, p. 140.</p> <p><b>“3.1.2. vocabulário:</b> Repertório que arrola os termos de um domínio e que descreve os conceitos designados por esses termos por meio de definições ou ilustrações (Boutin-Quesnel, 1985, p.29).”</p> <p style="text-align: right;">Fonte: OFFICE DE LA LANGUE FRANÇAISE apud BARROS, p. 142.</p>	
<b>Contexto:</b> <p>“Dessa forma, entendemos que as unidades lexicais registradas nesses instrumentos de indexação deveriam ser constituídas em conformidade com a terminologia desse domínio específico do conhecimento. Além do que, por serem unidades lexicais comportam sinonímia e variação, evidenciando-se, assim, a importância do controle do vocabulário.”</p> <p style="text-align: right;">Fonte: LAAN, p.3.</p>	
<b>Sinonímia:</b> vocabulário controlado; vocabulário técnico.	<b>Antonímia:</b>
<b>Ver também:</b> vocabulário controlado; vocabulário técnico em Terminografia. Conjunto vocabulário, conjunto vocabular em Terminologia.	

**Vo.ca.bu.lá.ri.o(s)**, *s.m.* “O vocabulário é um tipo de dicionário terminológico e ambos reúnem unidades linguísticas pertencentes a uma ou mais línguas de especialidade. A distinção entre os mesmos se dá, porém, pelo fato de que o vocabulário se organiza com base em um trabalho terminológico e o dicionário terminológico não.” **Ex:** “Além do que, por serem unidades lexicais comportam sinonímia e variação, evidenciando-se, assim, a importância do controle do vocabulário.” **Sin.:** vocabulário controlado; vocabulário técnico. **Ver:** vocabulário controlado; vocabulário técnico em Terminografia. Conjunto vocabulário, conjunto vocabular em Terminologia.

Quadro 08 – Ficha terminológica 08 e respectivo verbete

<b>Entrada:</b> LÉXICO	
<b>Nº de ocorrências:</b> 28 hits / 0,08% do TermCorp 9 hits / menor do que 0,01% do Lácio-Ref	
<b>Área:</b> Terminologia/Terminografia.	<b>Inf. gramatical:</b> sub. mas.; pl. (s).
<b>Definição:</b> “[...] lista unidades lexicais, terminológicas ou qualquer tipo de expressão utilizada pelo autor que se considere de difícil compreensão do público leitor de uma obra. Nesses casos, o léxico figura normalmente como apêndice da obra e apresenta as unidades lexicais seguidas de suas definições.” Fonte: BARROS, p. 144. “3.1.3. <b>léxico:</b> Repertório que arrola os termos acompanhados de seus equivalentes em uma ou várias línguas, e que não apresenta definições ( <i>idem, ibidem</i> ).” Fonte: OFFICE DE LA LANGUE FRANÇAISE apud BARROS, p. 142.	
<b>Contexto:</b> “O primeiro (vocabulário) apresenta definições e o segundo (léxico) só contém uma lista bilíngue ou multilíngue de termos.” Fonte: OFFICE DE LA LANGUE FRANÇAISE apud BARROS, p. 142.	
<b>Sinonímia:</b>	<b>Antonímia:</b>
<b>Ver também:</b> léxico geral, léxico comum em Lexicologia e/ou Lexicografia. Léxico especializado em Terminologia.	

**Lé.xi.co(s)**, *s.m.* Produto terminográfico: “[...] lista unidades lexicais, terminológicas ou qualquer tipo de expressão utilizada pelo autor que se considere de difícil compreensão do público leitor de uma obra. Nesses casos, o léxico figura normalmente como apêndice da obra e apresenta as unidades lexicais seguidas de suas definições.” **Ex:** “O primeiro (vocabulário) apresenta definições e o segundo (léxico) só contém uma lista bilíngue ou multilíngue de termos.” **Ver:** léxico geral, léxico comum em Lexicologia e em Lexicografia. Léxico especializado em Terminologia.

Autor: Rollsing (2014).

Quadro 09 – Ficha terminológica 09 e respectivo verbete

<b>Entrada:</b> TESAURO	
<b>Nº de ocorrências:</b> 21 hits / 0,06% do TermCorp 2 hits / menor do que 0,01% do Lácio-Ref	
<b>Área:</b> Terminografia	<b>Inf. gramatical:</b> sub. mas.; pl. (s).
<b>Definição:</b> “A palavra Tesouro tem sua origem etimológica no latim thesaurus, que se originou do grego thesauros; tinha o significado de tesouro ou armazém/repositório de palavras. Segundo Motta (1987, p.25), Tesouro é um “Sistema de vocabulário baseado em conceitos, incluindo termos preferidos (descritores), termos não preferidos (não descritores) e suas inter-relações, que se aplica a um determinado ramo do conhecimento e que se destina a controlar a terminologia utilizada para a indexação/recuperação de documentos.” Podemos definir Tesouro, ainda, como: “Linguagem documentaria dinâmica que contém termos relacionados semântica e logicamente, cobrindo de modo compreensivo um domínio do conhecimento.” (Gomes, 1990, p.16), ou ainda, como uma “... lista estruturada de termos associados, empregados por analistas de informação e indexadores, para descrever um documento com a desejada especificidade, a (sic) nível de entrada, e para permitir aos pesquisadores a recuperação de informação que procura.” (Cavalcanti, 1978, p.27)” Fonte: LAAN; FERREIRA, p.4.	
<b>Contexto:</b> “O Tesouro tem como função principal o controle terminológico do vocabulário utilizado em uma área específica do conhecimento, indicando as relações entre os conceitos a serem indexados. Em síntese podemos afirmar que tesouro é: a) linguagem especializada; b) estruturado conforme rede conceptual, apresenta relações hierárquicas (gênero/espécie; todo/parte) e relações associativas; c) estabelece preferência entre os termos através das relações de equivalência, determinando o termo preferido, forma de grafia preferida; uso de siglas, etc.” Fonte: LAAN; FERREIRA, p.5.	
<b>Sinonímia:</b> vocabulário controlado, linguagem controlada, linguagem de indexação, linguagem documentaria.	<b>Antonímia:</b>
<b>Ver também:</b> tesouro e/ou thesaurus linguae em Lexicografia.	

**Te.sau.ro(s)**, *s.m.* “Sistema de vocabulário baseado em conceitos, incluindo termos preferidos (descritores), termos não preferidos (não descritores) e suas inter-relações, que se aplica a um determinado ramo do conhecimento e que se destina a controlar a terminologia utilizada para a indexação/recuperação de documentos.” **Ex:** “O Tesouro tem como função principal o controle terminológico do vocabulário utilizado em uma área específica do conhecimento, indicando as relações entre os conceitos a serem indexados.” **Sin.:** vocabulário controlado, linguagem controlada, linguagem de indexação, linguagem documentaria. **Ver:** tesouro e/ou thesaurus linguae em Lexicografia.

Autor: Rollsing (2014).



Quadro 10– Ficha terminológica 10 e respectivo verbete

<b>Entrada:</b> UNIDADE TERMINOLÓGICA <sup>21</sup>	
<b>Nº de ocorrências:</b> 63 hits / 0,18% do TermCorp 1.393 hits / 0,02% do Lácio-Ref	
<b>Área:</b> Terminologia	<b>Inf. gramatical:</b> sub. fem.; pl. (s).
<b>Definição:</b> “A unidade terminológica é, portanto, unidade linguística, unidade cognitiva e unidade sociocultural, e seu estudo pode limitar-se a um aspecto, ou pode ser um estudo integrador das várias faces do termo (CABRE, 1999). Como as linguagens de especialidade fazem parte da língua geral, as unidades terminológicas adquirem seu valor especializado de acordo com o uso em determinada situação de comunicação. No modelo teórico da TCT, não ha, a priori, uma divisão entre palavras e termos. Essa diferenciação só se dá no plano comunicacional, no qual os termos são ativados em uma situação de discurso especializado como forma de veicular conhecimento de uma determinada área de especialidade. É evidente que somente uma abordagem que leve em conta o caráter discursivo pode explicar os fenômenos relativos às unidades de significação especializada que ocorrem na linguagem em uso, como a polissemia, as metáforas e a variação de unidades terminológicas. Sendo assim, é essencial estudar as unidades terminológicas em uso no texto e no discurso.” Fonte: KILIAN; BOCORNY; WILKENS; VILLAVICENCIO, p. 279.	
<b>Contexto:</b> “A unidade terminológica, considerada em seu aspecto poliédrico, a saber, unidade linguística, cognitiva e sociocultural, deve ser descrita tanto em relação ao sistema da língua, como em relação ao âmbito de especialidade, pois se tratam de unidades lexicais da língua geral, cujas especificidades significativas são ativadas nas situações de comunicação especializada.” Fonte: SZABO, p.56.	
<b>Sinonímia:</b> termo; unidade lexical especializada.	<b>Antonímia:</b> unidade lexical; vocábulo; palavra.
<b>Ver também:</b> UTC (Unidade Terminológica Conceitual); unidade linguística, cognitiva e sociocultural (poliedricidade do termo).	

**U.ni.da.de(s)**, s.f. “A unidade terminológica é, portanto, unidade linguística, unidade cognitiva e unidade sociocultural, e seu estudo pode limitar-se a um aspecto, ou pode ser um estudo integrador das várias faces do termo (CABRE, 1999). Como as linguagens de especialidade fazem parte da língua geral, as unidades terminológicas adquirem seu valor especializado de acordo com o uso em determinada situação de comunicação.” **Ex:** “A unidade terminológica, considerada em seu aspecto poliédrico, a saber, unidade linguística, cognitiva e sociocultural, deve ser descrita tanto em relação ao sistema da língua, como em relação ao âmbito de especialidade [...]” **Sin.:** termo; unidade lexical especializada. **Ant.:** unidade lexical; vocábulo; palavra. **Ver:** UTC (Unidade Terminológica Conceitual); unidade linguística, cognitiva e sociocultural (poliedricidade do termo).

Autor: Rollsing (2014).

<sup>21</sup> Na ocorrência “unidade” optamos pela colocação “unidade terminológica”, para constar como termo, devido a sua carga semântica mais especializada, o que a torna pertinente à área de estudo do trabalho, uma vez que, explorar a colocação “unidade terminológica” torna o resultado mais rico.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendemos, com esse estudo, auxiliar o aluno iniciante em Terminologia por meio de fichas terminológicas, veiculando nelas textos banalizados da metalinguagem científica da área em questão. Nossa intenção era produzir um material de referência para o aluno, pois é sabido, pelo referencial teórico e pela própria experiência como aluno de Letras, que a complexidade lexical das línguas de especialidade empregada nos seus conceitos e classificações provoca estranhamento e dificuldades de entendimento a leitores leigos/semileigos.

Apresentamos dez fichas e seus respectivos verbetes com essa proposta, ou seja, a de banalizar a metalinguagem científica em prol de uma necessidade oriunda das dificuldades de entendimento sobre o campo da Terminologia. Além disso, mostramos uma metodologia que pode ser replicada na construção de uma obra terminográfica, desde a coleta das informações sobre a unidade terminológica até a sua definição propriamente dita.

O TermCorp serviu como recurso para extrairmos os dados para fundamentar o trabalho metodológico. Ele, em comparação com o Lácio-Ref, possibilitou a formação das palavras-chave que, posteriormente seriam nossos candidatos a termo, e finalmente, os dez termos mais relevantes do TermCorp, de acordo com nossos objetivos. A partir dos termos selecionados ao fim da última etapa, pudemos ter um vislumbre de determinados conceitos representativos da Terminologia, que serviriam como peças para serem “descobertas” de sua especificidade técnica e “revestidas” com uma língua própria ao educando necessitado de esclarecimento desses conceitos. Essa “aprendizagem” sobre a terminologia da Terminologia tanto para nós, quanto para esses alunos, dá-se essencialmente pela proficiência adquirida no vocabulário terminológico desse ramo da ciência.

As fichas terminológicas são (e foram nesse caso) um passo inicial na realização de obras terminográficas. Elas são elementos que não participam da obra em si, mas, são fundamentais para o desenvolvimento do produto a ser elaborado. Tomamos esses elementos e estendemos sua utilidade para além de um passo inicial na organização do repertório. Tornamo-las veículos para dirimir dúvidas, através da linguagem banalizada, para, finalmente, serem vistas como instrumentos pedagógicos na construção do saber-fazer do aluno terminólogo.

A partir dos dados obtidos e da reflexão teórica trabalhada até aqui, podemos projetar alguns desdobramentos da pesquisa. Primeiro, a escolha do software *Word (Microsoft)*, e não por outro gerenciador de dados. Por lidar com uma quantia de termos relativamente pequena, o *Word* se mostrou suficiente para a catalogação dos termos. No entanto, à medida que o trabalho tomar vulto, selecionaríamos provavelmente um programa próprio para a criação de bancos de dados e de fichas terminológicas, a fim de tornar o processo de registro e compilação mais seguro e eficiente.

Segundo, elaborar uma plataforma *on-line* para divulgação dos resultados, disponibilizando nela, não as fichas, mas sim, os verbetes, como termos de um glossário virtual, acrescentando, também, ferramentas e materiais de apoio, como equivalentes em língua estrangeira, ilustrações, mapas conceituais etc.

Embora seja um pontapé inicial, o que nos motivou a realizar a presente pesquisa, foi investigar se havia uma produção de materiais de base didática (*sites* especializados, manuais, dicionários) para alunos de graduação em Letras, sobre Terminologia. Laface (2001, p.239) faz um questionamento em relação a essa abordagem que:

Pelo exposto e com base nas investigações já concluídas, acreditamos haver sérios problemas, para a identificação e deslocamentos definicionais/designativos de termos, nas diferentes situações de uso. Problemas maiores aparecem, quando esses deslocamentos condicionam-se à interação terminológica entre as áreas dos conhecimentos. **Como então definir vocabulário terminológico que atenda às condições didático-pedagógicas, necessárias para o bom desempenho acadêmico, tanto do discente quanto do docente?**<sup>22</sup>

Portanto, o que foi proposto ao longo desse trabalho tentou se aproximar de um viés mais pedagógico da metalinguagem científica da Terminologia e, de certa forma, ajudou-nos a responder o questionamento anterior, no que concerne à necessidade de adaptação linguística em prol de um bom desempenho acadêmico pelo estudante de graduação.

Naturalmente, nosso estudo é incipiente e necessita de maior aprofundamento e sistematicidade se intentarmos produzir uma obra terminográfica dessa natureza. No entanto, acreditamos que esse passo inicial foi importante para divulgarmos a importância de estudos dessa natureza, ou seja, que visem não apenas os aspectos linguísticos dos termos (que julgamos essenciais para seu

---

<sup>22</sup> Grifo nosso.

entendimento), mas também os de cunho pedagógico. Essa comunhão, metodologicamente bem estruturada e teoricamente bem fundamentada, poderá proporcionar, num futuro próximo, a socialização, em larga escala e de notória importância, do conhecimento da área da Terminologia, dentre os alunos de hoje.

## REFERÊNCIAS

BAKER, P. HARDIE, A. and MCENERY, T. **A Glossary of Corpus Linguistics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

BARBOSA, M. A. **Relações conceptus/designationes vocabulares e terminológicas no percurso gerativo de enunciação de codificação**. Universidade de São Paulo, [2005?]. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/17/21.htm>. Acesso em: ago. 2014.

\_\_\_\_\_. **A terminologia e o ensino da metalinguagem técnico-científica**. In: FINATTO, M. J. B. ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. – Volume II. Campo Grande, MS: Ed: UFMS, 2004. p.311-325.

BARROS, L. A. **Curso básico de Terminologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. 285 p.

CABRÉ, M. T. **La Terminología, una disciplina en evolución: pasado, presente y algunos elementos de futuro**. Revista Debate Terminológico, n.1, março de 2005. Disponível em: [http://www.ritem.net/revista/n\\_1/cabre.pdf](http://www.ritem.net/revista/n_1/cabre.pdf). Acesso em: mar. 2014.

\_\_\_\_\_. **La terminologia**. Representación y comunicación. Barcelona: IULA/UPF, 1999, 369 p.

CLAS, A. **A pesquisa terminológica e a formulação de parâmetros em função das necessidades dos usuários**. In: FINATTO, M. J. B. ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. – Volume II. Campo Grande: UFMS, 2004. p.223-238.

FINATTO, M. J. B. **Definição terminológica: fundamentos teórico-metodológicos para sua descrição e explicação**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. 395 p.

FINATTO, M. J. B. ISQUERDO, A. N. (Orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. – Volume IV. Campo Grande: UFMS; Porto Alegre: UFRGS, 2010. 624 p.

\_\_\_\_\_. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. – Volume II. Campo Grande: UFMS, 2004. 381p.

\_\_\_\_\_. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2ª Ed. Campo Grande: UFMS, 2001. 268 p.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004. 223 p.

KRIEGER, M. G; BEVILACQUA, C. R. **A pesquisa terminológica no Brasil: uma contribuição para a consolidação da área**. Revista Debate Terminológico, n.1,

março de 2005. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/riterm/index>. Acesso em: 28 set. 2014.

LAFACE, A. **Definição do vocabulário terminológico no universo acadêmico: reflexões didático-pedagógicas**. Universidade Estadual Paulista/Assis. In: FINATTO, M. J. B. ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. – Volume II. Campo Grande: UFMS, 2004. p.311-325.

LUME - REPOSITÓRIO DIGITAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/>>. Acesso em: 01 ago. 2014. Banco de dados referencial e full-text.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. Biblioteca Central Ir. José Otão. **Modelo para apresentação de trabalhos acadêmicos, teses e dissertações elaborado pela Biblioteca Central Irmão José Otão**. 2011. Disponível em: <[www.pucrs.br/biblioteca/trabalhosacademicos](http://www.pucrs.br/biblioteca/trabalhosacademicos)>. Acesso em: 09 nov. 2014.

SARDINHA, T. B. **Linguística de corpus**. São Paulo: Manole, 2004. 410 p.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa em Linguística de Corpus com WordSmith Tools**. 2006. Disponível em: [http://sis.posugf.com.br/AreaProfessor/Materiais/Arquivos\\_1/13879.pdf](http://sis.posugf.com.br/AreaProfessor/Materiais/Arquivos_1/13879.pdf)

\_\_\_\_\_. **A influência do tamanho do corpus de referência na obtenção de palavras chave**. LAEL, PUCSP, 1999. Disponível em: <http://www2.lael.pucsp.br/direct/DirectPapers38.pdf>. Acesso em: 01 out. 2014.

SCOTT, M. (2014). **WordSmith Tools Version 6**, Liverpool: Lexical Analysis Software.

TAGNIN, S. E. O. **Glossário de Linguística de Corpus**. Universidade de São Paulo. Disponível em: [http://www.hubeditorial.com.br/site/recursos/5\\_glossario/glossario\\_423.pdf](http://www.hubeditorial.com.br/site/recursos/5_glossario/glossario_423.pdf). Acesso em: 01 out. 2014.

**TERMISUL - Projeto Terminológico Cone Sul**. Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul - Instituto De Letras. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/termisul/>>. Acesso em: 01 ago. 2014. Banco de dados referencial sobre Terminologia.

**APÊNDICE A** – Lista das cem palavras-chave em ordem decrescente de chavicidade.

<b>Rank</b>	<b>KeyWord</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>RC. Freq.</b>	<b>RC. %</b>	<b>Keyness</b>
1	NAO	197	0.58	18		1,996.50
2	SAO	127	0.37	7		1,311.60
3	LINGUA	104	0.31	26		989.08
4	TERMINOLOGIA	127	0.37	173		959.28
5	AREA	105	0.31	58		918.02
6	INFORMACAO	81	0.24	0		871.43
7	TAMBEM	87	0.26	25		817.30
8	TERMOS	190	0.56	1,927	0.03	783.95
9	COMUNICACAO	72	0.21	0		774.59
10	RESIDUOS	68	0.20	0		731.55
11	TERMINOLOGICA	59	0.17	0		634.71
12	INFORMACOES	49	0.14	0		527.12
13	TERMO	118	0.35	1,01	0.01	522.96
14	QUIMICA	50	0.15	3		514.85
15	TERMINOLOGICAS	45	0.13	0		484.08
16	ANALISE	52	0.15	19		477.09
17	REPRESENTACAO	43	0.13	0		462.56
18	INDEXACAO	42	0.12	0		451.81
19	LINGUISTICA	50	0.15	28		436.29
20	USUARIO	38	0.11	0		408.77
21	PORTUGUES	40	0.12	6		394.72
22	GLOSSARIO	36	0.11	0		387.26
23	ALEM	40	0.12	8		387.11
24	WATER	46	0.14	34		386.06
25	INGLES	37	0.11	3		376.73
26	DESCRITORES	34	0.10	1		356.67
27	DICIONARIO	32	0.09	0		344.22
28	RELACAO	32	0.09	0		344.22
29	JA	41	0.12	31		342.91
30	TEXTOS	138	0.41	3,515	0.05	342.39
31	LINGUAGEM	98	0.29	1,562	0.02	324.09
32	FUNCAO	29	0.09	0		311.95
33	TEMATICA	31	0.09	4		308.63
34	CORPUS	98	0.29	1,773	0.02	301.91
35	VARIACAO	28	0.08	0		301.19
36	AGUA	31	0.09	6		300.72
37	CONCEPCAO	27	0.08	0		290.43
38	LINGUAS	27	0.08	0		290.43
39	VOCABULARIO	27	0.08	0		290.43
40	ELABORACAO	26	0.08	0		279.68
41	RECUPERACAO	26	0.08	0		279.68
42	SITUACAO	26	0.08	0		279.68

43	USUARIOS	26	0.08	0		279.68
44	ESPECIALIDADE	39	0.11	86		265.15
45	ESPECIALIZADA	45	0.13	180		260.56
46	CARATER	25	0.07	1		260.45
47	LEXICO	28	0.08	9		260.22
48	ATRAVES	24	0.07	0		258.16
49	AREAS	30	0.09	19		257.45
50	PRODUCAO	25	0.07	2		254.68
51	PROBLEMATICA	23	0.07	0		247.40
52	RELACOES	23	0.07	0		247.40
53	DRINKING	22	0.06	0		236.65
54	SITUACOES	22	0.06	0		236.65
55	TRADUCAO	22	0.06	0		236.65
56	VARIACOES	22	0.06	0		236.65
57	LEXICOGRAFIA	28	0.08	22		232.80
58	DICIONARIOS	21	0.06	0		225.89
59	LINGUISTICO	21	0.06	0		225.89
60	DOMINIO	23	0.07	5		221.17
61	CARACTERISTICAS	23	0.07	6		217.89
62	CLASSIFICACAO	20	0.06	0		215.13
63	CONSTRUCAO	20	0.06	0		215.13
64	TERMINOLOGIAS	25	0.07	17		212.39
65	TESAURO	21	0.06	2		212.32
66	CIENTIFICA	20	0.06	1		207.10
67	CIENTIFICO	20	0.06	1		207.10
68	EQUIVALENCIA	19	0.06	0		204.38
69	LINGUISTICOS	19	0.06	0		204.38
70	MARKETING	38	0.11	193		204.01
71	REFERENCIA	22	0.06	8		201.93
72	HA	38	0.11	206		199.60
73	CABRE	18	0.05	0		193.62
74	TECNICO	18	0.05	0		193.62
75	TERMINOLOGICO	18	0.05	0		193.62
76	TERMINOLOGICOS	18	0.05	0		193.62
77	CRITERIOS	20	0.06	4		193.54
78	PUBLICO	19	0.06	2		191.19
79	ESPECIALIZADO	34	0.10	157		188.28
80	VARIANTES	31	0.09	111		185.46
81	ALEMAO	17	0.05	0		182.86
82	AMBITO	17	0.05	0		182.86
83	EXPRESSOES	17	0.05	0		182.86
84	SELECAO	17	0.05	0		182.86
85	ESTAO	18	0.05	2		180.63
86	TRES	20	0.06	11		174.91
87	DEFINICOES	16	0.05	0		172.10
88	UNIDADE	63	0.18	1,393	0.02	171.70
89	ORGANIZACAO	17	0.05	2		170.09



90	PRINCIPIOS	19	0.06	9	169.29
91	GESTAO	16	0.05	1	164.51
92	LINGUAGENS	32	0.09	189	163.17
93	CIENCIA	21	0.06	26	161.51
94	EXPRESSAO	15	0.04	0	161.35
95	GLOSSARIOS	15	0.04	0	161.35
96	INDICACAO	15	0.04	0	161.35
97	LINGUISTICAS	15	0.04	0	161.35
98	OCORRENCIA	15	0.04	0	161.35
99	TESAUROS	15	0.04	0	161.35
100	VERDE	38	0.11	377	158.16